



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ANSELMO ESTEVES DOS ANJOS**

**O Padre Abel Varzim e o Sacerdócio  
Ministerial no contexto da “*Procissão dos  
Passos - Uma vivência no Bairro Alto*”**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro**

**Porto**

**2014**

## SIGLÁRIO E ABREVIATURAS

ACP - Ação Católica Portuguesa

CCO - Círculos Católicos Operários

CDC - Código de Direito Canónico

CIC - Catecismo da Igreja Católica

DSI - Doutrina Social da Igreja

EN- Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

GS - CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*.

JAC - Juventude Agrária Católica

JC - Juventude Católica

JCF - Juventude Católica Feminina

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

LAC - Liga Agrária Católica

LACF - Liga Agrária Católica Feminina

LACF - Liga Agrícola Católica Feminina

LG - CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

LHAC - Liga dos Homens da Ação Católica

LMACF - Liga das Mulheres da Ação Católica

PDV - JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastor Dabo Vobis*

PO - CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SC - CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Sacrosanctum Concilium*

SNASC - Secretariado Nacional de Ação Social Católica

# INTRODUÇÃO

Na reta final do Curso de *Mestrado Integrado em Teologia*, propus-me realizar a tese sobre o Padre Abel Varzim, com o tema *O Padre Abel Varzim e o Sacerdócio Ministerial no contexto da “Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto”*.

A dissertação está dividida em três capítulos, nos quais faremos uma aproximação ao trabalho que o Pe Abel Varzim foi realizando ao longo de muitos anos. Ele é considerado uma das figuras centrais do catolicismo contemporâneo e da Igreja portuguesa do seu tempo.

No capítulo I apresentamos o contexto histórico da Ação Católica em Portugal e o Estado Novo, no tempo de Oliveira Salazar. De seguida, apresentaremos a bibliografia do Pe Abel Varzim. Depois apontamos a última etapa da sua vida, como pároco da Encarnação e o regresso à terra natal. Por fim, surgem as obras do Pe Abel Varzim.

Para alguns historiadores, investigadores e pensadores, o Padre Abel Varzim teve o seu empenho, baseado nas Encíclicas Sociais, desde Leão XIII e realçando os entraves e barreiras que o Estado Novo foi colocando à implementação prática dessas ideias.

No Padre Abel Varzim nasceu uma inquietação pela questão social, naquilo que era o panorama de uma igreja e duma sociedade portuguesa conservadoras dos anos trinta; ele estabelece dentro do método da LOC as grandes etapas para partir para a ação. É desde o primeiro momento porta-voz da necessidade de constituir sindicatos católicos e de organizar os operários sindicalmente. Dos escritos de Abel Varzim surgem uma espécie de sensibilidade radical no seio da sociedade e da igreja conservadora e apadrinha as experiências dos sindicatos católicos nos inícios dos anos trinta.

A institucionalização do Estado Novo significou o fim do sindicalismo livre e a Igreja vai abdicar das suas organizações autónomas.

O Padre Abel Varzim, quando chega a Lisboa, de Lovaina, demonstra uma grande vontade de colaborar com o regime, com o objetivo de cristianizar a ordem corporativa

e conseguir os grandes objetivos a que se propunha, nomeadamente no que diz respeito à dignificação da classe operária.

A partir do Jornal “*O Trabalhador*”, torna-se numa verdadeira tribuna de reivindicações operárias e da defesa dos interesses operários no que diz respeito ao desemprego, ao cumprimento do descanso semanal, à luta por um salário justo, à proteção do trabalho infantil, etc.

A ação do Padre Abel Varzim estava longe de ser pacífica. Nos seus escritos queixa-se da falta de compreensão no meio operário e no mundo do trabalho, levando os operários não entender a sua mensagem e os riscos que corriam em denunciar as situações.

O afastamento do Padre Abel Varzim dos cargos de direção que ocupava e o encerramento do jornal *O Trabalhador* significaram o restabelecimento da paz salazarista que durava desde os anos trinta.

Por tudo isto é incontornável esta referência ou este recordar da memória do Pe Abel Varzim, mas também esta sua luta, este despertar para a consciência social que ele representou na Sociedade e na Igreja portuguesas dos anos trinta e quarenta.

No capítulo II apresentamos a religiosidade popular no período do Padre Abel Varzim. Num primeiro ponto surgem: a religiosidade popular, as suas manifestações, o seu contributo para a fé cristã, alguns elementos históricos, o contributo da antropologia e da teologia e por fim a espiritualidade da religiosidade popular. O segundo ponto apresentará a piedade popular. Por último, apresentaremos o catolicismo em Portugal, o seu contexto, as devoções da época e a veneração da cruz.

No capítulo III apresentaremos as linhas da espiritualidade na ação ministerial da “*Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*”. Este capítulo será dividido em duas partes: na primeira parte, em traços gerais a obra do Padre Abel Varzim; na segunda parte, a pastoral ministerial do sacerdócio do Pe Abel Varzim; neste ponto surge a opção pelos pobres, pelo proletariado português e a pastoral da mulher marginalizada, na paróquia da Encarnação.

# CAPÍTULO I

## A VIDA E A OBRA DO PE ABEL VARZIM

No primeiro ponto apresentaremos o contexto histórico da Ação Católica em Portugal e o Estado Novo, no tempo de Oliveira Salazar.

De seguida, apresentaremos a bio-bibliografia do Padre Abel Varzim. Começaremos por expor a vida do autor, a última etapa da sua vida como pároco da paróquia da Encarnação e o regresso à sua terra natal.

Em último apontaremos algumas obras da autoria do Pe Abel Varzim, entre elas: *“Procissão dos Passos- Uma vivência no Bairro Alto”*, um escrito de carácter autobiográfico, mas simultaneamente, um exercício de meditação e reflexão, no qual descreve a realidade da prostituição feminina do Bairro Alto.

### 1. CONTEXTO HISTÓRICO

Neste contexto histórico fazemos referência à Ação Católica Portuguesa e à relação entre a Igreja e o Estado no tempo de Oliveira Salazar.

#### 1.1. A Ação Católica em Portugal

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, surgiram em Portugal diversos movimentos de inspiração cristã que se podem considerar precursores da Ação Católica Portuguesa, nomeadamente o Centro Académico da Democracia Cristã dos Universitários de Coimbra (1903), a Liga da Ação Social Cristã (1907) e a Juventude Católica Feminina (1924)<sup>1</sup>.

A Santa Sé insistia com os Bispos de todo o mundo para que organizassem nas suas dioceses a Ação Católica com a participação dos leigos no apostolado hierárquico

---

<sup>1</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 31.

da Igreja e o Episcopado Português, na sua reunião plenária de 1932, tomou as decisões conducentes à criação oficial da ação católica portuguesa na qual se deveriam integrar aqueles movimentos precursores<sup>2</sup>.

O Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi eleito presidente da Ação Católica Portuguesa e o Arcebispo de Mitilene, D. Ernesto Sena de Oliveira, auxiliar do Patriarcado, foi nomeado Presidente da Junta Central da Ação Católica. Este encarregou Abel Varzim e Manuel da Rocha de elaborarem o Projeto de Bases da Ação Católica Portuguesa<sup>3</sup>.

Quando D. Ernesto Sena de Oliveira levou a Roma as Bases, a Santa Sé, além de as aprovar, classificou-as como fórmula perfeita da Ação Católica. Foram publicadas em 16 de Novembro de 1933 e os Estatutos da Ação Católica Portuguesa saíram no primeiro número do Boletim Oficial da A.C.P. do mês de Março de 1934<sup>4</sup>.

No início de 1936, Abel Varzim é nomeado assistente geral da LOC (Liga Operária Católica). Nessa altura o Dr. Manuel Rocha era o Assistente Geral da JOC (Juventude Operária Católica)<sup>5</sup>.

Através de várias componentes, a LOC, tornou-se um dos principais órgãos de defesa do ensinamento social da Igreja, juntamente com a Liga Operária Católica Feminina e a Juventude Operária Católica.

O organismo da Ação Católica era constituído por leigos, tendo o assistente eclesiástico as funções de estabelecer ligação com a hierarquia que representa e assegurar a integridade da ortodoxia e o cumprimento das normas disciplinares superiores, animando as atuações do organismo<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 31.

<sup>3</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 31.

<sup>4</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 32.

<sup>5</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 137.

<sup>6</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 137.

D. Ernesto Sena de Oliveira, em 1941, deixara a Junta Central da Ação Católica para assumir o cargo de Vigário Geral do Patriarcado, sendo substituído por D. Manuel Trindade Salgueiro, ao tempo auxiliar do Patriarcado<sup>7</sup>.

Em meados de 1941, a Ação Católica Portuguesa, só com oito anos de existência sofre a primeira crise, proveniente dos serviços centrais<sup>8</sup>.

Em Bruxelas, Manuel da Rocha e Abel Varzim assistiram ao problema da JUC (Juventude Universitária Católica):

«Fomos nas férias do Natal de 1930, à reunião anual da Juventude Universitária Católica. Ouvimos o assistente geral Dr. Jacques Leclereq e Monsenhor Picard, Assistente Nacional de toda a juventude católica e pioneiro do movimento operário cristão juvenil, o Cónego Cardijn, o mestre da Ação Católica especializado e fundador do Jocismo»<sup>9</sup>.

Na reflexão de Domingos Rodrigues, Abel Varzim apontara alguns problemas da Ação Católica: «Só nós sabemos quanto sacrifício e trabalho são precisos para conquistar um operário para a Igreja. Dificultar este trabalho sob aqueles pretextos não é apenas diminuir a Ação Católica, mas lançar sobre os Assistentes um labéu de anti-cristãos que, pelo que me respeita, repudio com energia»<sup>10</sup>.

Abel Varzim criou vários cursos: curso de formação económico-social, curso de dirigentes da JOC, semanas sociais portuguesas<sup>11</sup>. Havia quem censurasse Abel Varzim pelo fato de ele se dedicar afanosamente aos problemas sociais dos operários, em vez de se ocupar das necessidades das almas; esses desconheciam os seus trabalhos e iniciativas de intenção espiritual<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 138.

<sup>8</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 139.

<sup>9</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 139.

<sup>10</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 143.

<sup>11</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 149.

<sup>12</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 150.

## 1.2. Estado Novo: Oliveira Salazar

Quando Abel Varzim regressa a Portugal em Maio de 1934, depara-se com alguns dados importantes.

No ano em que inicia os estudos de Ciências Político-sociais, em Lovaina, é publicada pelo Papa Pio XI, a 15 de Maio de 1931, a Encíclica “*Quadragesimo Anno*” sobre a questão social ou a relação Capital-Trabalho, tendo como mote a comemoração da primeira encíclica na questão social “*Rerum Novarum*” de 1891, publicada e redigida pelo Papa Leão XIII<sup>13</sup>.

Segundo o testemunho de Domingos Rodrigues, Abel Varzim apontou uma perspectiva das Encíclicas Sociais:

«Com efeito, as Encíclicas Sociais e, na sua perspectiva, a Escola de Lovaina, inspiravam um corporativismo que deveria nascer e organizar-se por iniciativa dos trabalhadores, brotando portanto debaixo para cima, numa palavra: um corporativismo voluntário»<sup>14</sup>.

Em 1933, Portugal passa a ter uma nova constituição, criando um Estado Corporativo, no qual Oliveira Salazar é Presidente do Conselho desde 1932<sup>15</sup>. A Constituição de 1933 apresenta o princípio da liberdade de culto e de religião, afirma que a Igreja Católica era a religião da Nação Portuguesa.

Quando o Corporativismo foi legalmente implantado em Portugal (1933), em Lovaina, Abel Varzim e os seus condiscípulos portugueses formulam um juízo desfavorável a este sistema. Surgem alguns pontos em que o Corporativismo se opunha à doutrina social da Igreja<sup>16</sup>.

O sistema corporativo português era constituído por organismos primários, que reuniam os grémios, os sindicatos nacionais, as casas do povo e as casas dos

---

<sup>13</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 29.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 71.

<sup>15</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 29.

<sup>16</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 172.



pescadores; e por organismos secundários, denominados por federações e uniões. Todos estavam sob tutela das entidades superiores: as Corporações e a Câmara Corporativa<sup>17</sup>.

A Igreja e o Estado estavam pautados por uma separação jurídica - a Concordata de 1940, assinada pelo Papa Pio XII e o governo de António Oliveira Salazar<sup>18</sup>. A 7 de Maio de 1940, no prólogo da Concordata da Santa Sé com o Estado português, apresentam-se os objetivos e finalidades desta: «Regular, por mútuo acordo e de modo estável, a situação jurídica da Igreja Católica em Portugal, para a paz e maior bem da Igreja e do Estado»<sup>19</sup>. Oliveira Salazar, já Presidente do Conselho apresentara:

«A primeira realidade que o Estado tem diante de si é a formação católica do povo português; a segunda é que a essência dessa formação se traduza numa constante da história»<sup>20</sup>.

No «Advento» do Estado Novo, a Igreja via não só abolidos e eliminados muitos fatores de perseguição e limitação da sua ação, como via restaurados muitos dos seus desideratos e criadas condições particularmente vantajosas para a sua atuação<sup>21</sup>.

Pela Concordata, a liberdade da Igreja Católica em Portugal pode organizar-se livremente de acordo com as normas do Código de Direito Canónico, reconhecendo-lhe a faculdade de constituir associações ou organizações a que o Estado, após notificação da competente Autoridade eclesiástica, concede personalidade civil<sup>22</sup>.

Dissolvido o Centro Católico, os políticos aderem à União Nacional a convite de Oliveira Salazar, enquanto os Católicos sociais entravam na Ação Católica Portuguesa (ACP)<sup>23</sup>. A adesão dos católicos, impedia que o Novo Regime assumisse orientações

---

<sup>17</sup> Cf. LUCENA, Manuel – *A evolução do sistema corporativo português*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1976, 2 vol. e PATRIARCA, Fátima – *A questão social no salazarismo: 1930-1947*. Lisboa: IN-CM, 1995, 2 vol.

<sup>18</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, Vol. C-I, p. 406.

<sup>19</sup> Cf. FERREIRA, Manuel Pinho - *A Igreja e o Estado Novo – na Obra de D. António Ferreira Gomes*. Ed. Humanística e Teologia, Porto, 2004. pp. 169-170.

<sup>20</sup> Cf. FERREIRA, Manuel Pinho - *A Igreja e o Estado Novo – na Obra de D. António Ferreira Gomes*. p.170.

<sup>21</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – *Igreja e Estado*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I, p. 408.

<sup>22</sup> Cf. FERREIRA, Manuel Pinho - *A Igreja e o Estado Novo – na Obra de D. António Ferreira Gomes*. p. 172.

<sup>23</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – *Igreja e Estado*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I, p. 408.

que contrariassem a doutrina social católica. O Cardeal António Gonçalves Cerejeira opôs-se ao governo, na extinção do escutismo católico e em tentar aproximar a Mocidade Portuguesa às juventudes hitlerianas. Os católicos procuram moldar as novas estruturas do Corporativismo aos princípios da doutrina da Igreja. A luta na defesa da concertação corporativa dos interesses sociais coexistia com a defesa da ordem, da autoridade e de um Estado forte, capaz de se impor não só ao trabalho, mas ao capital, com apoio à sindicalização, com a denúncia a situações de prepotência patronal e com a defesa do corporativismo<sup>24</sup>.

Com a Primeira Grande Guerra (1914-1918) e o imediato Pós-Guerra, agravaram-se as condições da vida dos Portugueses. Surge o descontentamento nos sectores católicos de maior consciência social, abrindo assim entre eles uma questão social e um conflito que se expressou no encerramento do Jornal *O Trabalhador*. Em 1948 proibiu-se a leitura das conclusões do I Congresso da JOC. Em 1955 entrou em conflito com alguns bispos de Portugal e colónias: da Beira, D. Sebastião Soares de Resende<sup>25</sup> (Moçambique) e com o do Porto (D. António Ferreira Gomes)<sup>26</sup>.

D. António Ferreira Gomes vê-se forçado pelo governo de Salazar, a ir para o exílio durante dez anos (1959-1969), começando em Vigo, Santiago de Compostela, Valência, Lourdes, Ciudad Rodrigo e Salamanca. Esteve sempre em contato com a diocese do Porto. Participou no Concílio Vaticano II, onde é membro da Comissão dos Seminários e Estudos.

Estes acontecimentos surgem no fim do Pontificado de Pio XII e começo do pontificado de João XXIII os quais determinarão que de Roma não haja, de início, pronunciamentos muito claros<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 408.

<sup>25</sup> Cf. BARBOSA, David Sampaio Dias – Santa Sé e Portugal. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Circulo de Leitores, 2001, Vol. P-V. p. 163.

<sup>26</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 409.

<sup>27</sup> Cf. BARBOSA, David Sampaio Dias – Santa Sé e Portugal. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. P-V. p. 163.

Surge a derrota dos nacionalismos e a vitória das democracias ocidentais. Estes acontecimentos afetaram o nacionalismo português, fomentaram o entusiasmo nas ideias democráticas.

Em 1959 seria recusada, por Oliveira Salazar, a ideia da Consagração de Portugal ao Coração de Jesus, por ocasião da inauguração do monumento a Cristo-Rei em Almada<sup>28</sup>.

Segundo o testemunho de Braga da Cruz, D. António Ferreira Gomes, escrevera uma Carta a Salazar a afirmar que:

«A igreja estivesse a perder a confiança dos seus melhores, sobretudo «do povo, dos operários e da juventude». Recusa-se a cerrar fileiras em torno do Estado Novo. Contesta a política social e em especial a proibição do direito à greve, e denuncia o corporativismo como tendo sido «um meio de expoliar os operários do direito natural de associação». A igreja podia ensinar livremente e por todos os meios a sua doutrina social, e se poderiam os católicos vir a definir um programa político próprio e a concorrer a eleições próximas»<sup>29</sup>.

Salazar exilou o Bispo do Porto durante dez anos e censurou publicamente os católicos que romperam com a Frente Nacional. Os católicos manifestavam a insatisfação perante o regime. Surgem as denúncias de católicos da repressão da polícia política (PIDE) sobre os opositores, e as reivindicações das liberdades fundamentais, que surgem nas Encíclicas de João XXIII e nos documentos do Concílio Vaticano II<sup>30</sup>.

A política patente na Ação Católica levaria muitos membros do clero a assumir posições progressistas em matéria religiosa, social e política<sup>31</sup>.

A consolidação da democracia, após o 25 de Abril de 1974, foi sumamente apreciada pelas altas esferas do Vaticano<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 409.

<sup>29</sup> CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 409.

<sup>30</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 409.

<sup>31</sup> Cf. CRUZ, Manuel Braga da – Igreja e Estado. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. p. 410.

<sup>32</sup> BARBOSA, David Sampaio Dias – *Santa Sé e Portugal*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. P-V. p. 164.

## 2. BIO-BIBLIOGRAFIA DO PE ABEL VARZIM

Abel Varzim da Cunha e Silva nasceu em Cristelo<sup>33</sup>, no Concelho de Barcelos, a 29 de Abril de 1902, proveniente de uma família de classe média rural<sup>34</sup>. Era filho de Adelino da Costa e Silva e de Adelaide Varzim da Cunha e Silva<sup>35</sup>.

Concluindo a escola primária<sup>36</sup>, com o exame da 4ª classe, em Junho de 1912, tendo dez anos.

Em Outubro de 1914 abriu em Braga o Seminário Menor<sup>37</sup>, denominado «Seminário de Santo António e de S. Luís de Gonzaga»<sup>38</sup>, onde se encontravam sete alunos, entre eles o Mons. Lopes da Cruz<sup>39</sup>. No testemunho do Padre Baião, prefeito e ecónomo deste mesmo seminário, afirmara que Abel Varzim «era um seminarista de comportamento exemplar»<sup>40</sup>. Em 1915 este seminário foi transferido para as instalações mais amplas na chamada «Casa dos Prelados»<sup>41</sup>.

Em Outubro de 1916, Abel Varzim deu entrada nesse Seminário, apresentado pelo amigo Lopes da Cruz<sup>42</sup>. Concluiu os estudos preparatórios e ingressou em Outubro de 1921, no Seminário Conciliar de Braga, com dezanove anos, inicia o Curso Teológico<sup>43</sup>,

---

<sup>33</sup> Cf. CEREJO, António - *Abel Varzim e o seu Tempo*, p. 9.

<sup>34</sup> Os ascendentes de Abel Varzim não seriam naturais de Cristelo, os avós paternos, Domingos e Maria da Costa e Silva eram de Vilar de Figs. O seu avô seria armador, gozando de grande prestígio naquela região (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 12).

<sup>35</sup> Os avós maternos residiam na Póvoa de Varzim: Domingos Fernandes da Cunha e Felicidade Rosa do Sacramento Duque Varzim. Eram comerciantes de alguma reputação social em Varzim. Este casal teve duas filhas: Maria do Nascimento e Adelaide Varzim da Cunha” (RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 12).

<sup>36</sup> Abel Varzim recebeu da sua mãe uma educação esmerada e sólida que lhe mudou a sensibilidade do temperamento e a firmeza do carácter, infundindo-lhe no coração e na alma as virtudes humanas e cristãs que haviam de entrar então profundamente na constituição da sua personalidade forte e invulgar (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 16).

<sup>37</sup> Em 1912 ainda não havia seminário em Braga. O Seminário Conciliar de Teologia tinha sido ocupado pelos militares em 1911 (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 16).

<sup>38</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 16-17.

<sup>39</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 17.

<sup>40</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 17.

<sup>41</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 17.

<sup>42</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 17.

<sup>43</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 17.

que viria a terminar em 1925<sup>44</sup>. A 29 de Junho de 1925, Abel Varzim é ordenado sacerdote, por D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz de Braga<sup>45</sup>.

Logo após a sua ordenação, o Padre Abel Varzim aceitou ser enviado para o Alentejo, correspondendo ao pedido de D. José do Patrocínio Dias<sup>46</sup>, Bispo de Beja. Este Bispo aproveitara o Convento de S. António, na Vila de Serpa, para instalar o seminário menor, mas faltava-lhe formadores, pois a diocese carecia de sacerdotes<sup>47</sup>.

D. Manuel Vieira de Matos (Arcebispo de Braga) cede o Padre Abel Varzim à Diocese de Beja, sendo colocado no Seminário Menor de Serpa, e aí se conserva até 1930.

No testemunho de Domingos Rodrigues, o Padre Abel Varzim, «um jovem sacerdote, bem formado, de coração generoso e apostólico, desprendido de tudo e de todos, mostrou-se logo disponível para iniciar o seu ministério na diocese de Beja»<sup>48</sup>.

No Seminário de Serpa exerceu a função de professor e de prefeito, onde os seus alunos o descrevem: «reto na disciplina, simpático e cativante no convívio e bom no Magistério (...) Homem dinâmico e exemplar, de garra apostólica»<sup>49</sup>.

Sendo um jovem com dinâmica, Abel Varzim, funda no seminário de Serpa, o primeiro Grupo do Corpo Nacional de Escutas do Alentejo<sup>50</sup> e outro grupo de ação missionária rural<sup>51</sup>. No exercício do seu magistério e na prática do escutismo, com a sua “garra apostólica”, funda a “Legião Fulminante”<sup>52</sup> com intuito de dar formação ao povo da planície alentejana, tão carente e necessitado de instrução humana e religiosa<sup>53</sup>.

---

<sup>44</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 27.

<sup>45</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 18.

<sup>46</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 21.

<sup>47</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 21.

<sup>48</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 22.

<sup>49</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 22.

<sup>50</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 22.

<sup>51</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 27.

<sup>52</sup> A “Legião Fulminante” era um movimento de índole missionária que obtinha, de muitos lados, revistas e jornais católicos usados para os distribuir nos meios rurais promovendo a instrução das populações e constituindo um apoio útil à catequese (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 23).

<sup>53</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 23.

Abel Varzim é nomeado Chefe do Agrupamento dos escuteiros nº38, que fundara. «É filiado no CNE o agrupamento nº 38 (Beato Nuno Álvares Pereira), com sede no seminário diocesano de Beja, em Serpa. Sendo o diretor Cónego António Rebelo dos Anjos e chefe de administração o Pe. Joaquim Lourenço»<sup>54</sup>.

Apoiado por Monsenhor Lopes da Cruz, vai para Lisboa para a Empresa da Revista Renascença, onde desperta o maior interesse pelo Curso de Ciências Político-Sociais da Universidade de Lovaina<sup>55</sup>.

Inicia o ano letivo 1930/1931 na Universidade com o apoio do Patriarcado de Lisboa e de Mons. Lopes da Cruz, onde permaneceu até 1934, no *Collège Saint Esprit*<sup>56</sup>, tendo como finalidade uma melhor habilitação na defesa da justiça.

Mons. Lopes da Cruz, chefe da redação do Jornal *Novidades*, nomeia o Padre Abel Varzim e Manuel Rocha como correspondentes deste Jornal na Bélgica<sup>57</sup>. O Padre Abel Varzim enviava “Cartas da Bélgica” e Manuel da Rocha “Postais de Lovaina”<sup>58</sup>.

Segundo Domingos Rodrigues, Abel Varzim tinha um objetivo em estudar em Lovaina - a defesa de uma tese em ato académico solene a que se dá o nome de doutoramento<sup>59</sup>.

Doutorou-se em Ciências Político-Sociais pela Universidade Católica de Lovaina, em 1934<sup>60</sup>.

O tema da sua tese seria *Boerenbond (Liga dos Agricultores)*<sup>61</sup>, a que deu título de “*Le Boerenbond Belge – L ’Oeuvre du relèvement et de la grandeur de la classe*”

---

<sup>54</sup> *Flor de Lis*, órgão oficial do Corpo Nacional de Scouts, nº 4, Ano IV, de 31 de Março de 1928, p. 1.

<sup>55</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 27.

<sup>56</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 27.

<sup>57</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 30.

<sup>58</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 30.

<sup>59</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 32.

<sup>60</sup> Esta Universidade não escapou aos ataques do Jacobinismo, que a Revolução Francesa (1789) difundiu por toda a parte, tendo sido encerrada pelo poder civil em 25 de Outubro de 1797 (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 25).

<sup>61</sup> Abel Varzim defende a sua tese a 23 de Abril de 1934 sob o título “*Organização dos Agricultores Belgas (“Le Boerenbond Belge”)*” e que lhe dá o subtítulo “*Obra do Ressurgimento e da Grandeza da Classe Agrária de um País*” (Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 28).

*agricole d'un pays*”<sup>62</sup>, e o subtítulo “*Obra do Ressurgimento e da grandeza da classe agrária de um País*”<sup>63</sup>; trabalho este que precedeu o estudo e avaliação daquela estrutura agrária católica belga, virada para o conjunto dos problemas do mundo rural, numa visão simultaneamente corporativa e cooperativa<sup>64</sup>.

A tese é um documento extenso, com duzentas e setenta e duas páginas, subdividida em dez capítulos e contém os Estatutos da “Liga dos Camponeses”<sup>65</sup>.

O grande propósito do tema da tese de Abel Varzim afirmara-o Manuel Rocha, na *Revista Educação e Trabalho* (Julho/Setembro 1980):

«Não foi por vir de Beja, nem por sentir (...) a necessidade da reforma agrária no Alentejo. Foi porque tínhamos como comensal na República de Estudantes da Rua Kraken um dos assistentes eclesiásticos do Boerenbond e também porque o Prof. Brusselmans, nosso mestre em Direito Administrativo, era diretor do Boerenbond e deputado do partido católico pelo sector flamengo e agrário. Entusiasmamo-nos pela justiça das reivindicações flamengas e pela organização agrária católica do Boerenbond, um estado dentro doutro estado»<sup>66</sup>.

Segundo o testemunho de Domingos Rodrigues, Abel Varzim no prólogo da Tese de Doutoramento afirmara:

«Ao estudar o Boerenbond e a obra grandiosa que ele realiza, teremos em vista por a claro o poder de organização no restabelecimento da classe agrícola, cuja miséria ou prosperidade condicionam a vida económica de toda uma nação. (...) Por outro lado colocando-nos sob o ponto de vista da ação social católica, quisemos atrair a atenção dos homens de ação sobre os benefícios religiosos e sociais duma organização completa da classe agrícola, tão frequentemente esquecida nas nossas realizações sociais»<sup>67</sup>.

---

<sup>62</sup> “Ao estudar a Organização dos Agricultores e a obra grandiosa que realiza, teremos em vista pôr a claro o poder da organização no restabelecimento da classe agrícola, cuja miséria ou prosperidade condicionam a vida económica de toda uma nação” (CEREJO, António; CRUZ, Braga da - *Abel Varzim – Entre o ideal e o possível*, p. 28; RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 35).

<sup>63</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 32.

<sup>64</sup> Cf. FONTES, P. – Catolicismo Social. In *DICIONÁRIO História Religiosa de Portugal*. Org. Carlos Moreira Azevedo. Círculo de Leitores; Lisboa, 2000, Vol. A-C, p.316.

<sup>65</sup> A obra está dividida: Prefácio/Prólogo; Capítulo I – As causas do desenvolvimento das associações agrícolas na Bélgica; Capítulo II - O maravilhoso desenvolvimento das associações agrícolas na Bélgica; Capítulo III - As origens do «Boerenbond Belge»; Capítulo IV - A constituição interna do Boerenbond; Capítulo V - O secretariado-geral; Capítulo VI - O serviço de inspeção; Capítulo VII - A Liga das Camponesas; Capítulo VIII- A Caixa central de Crédito; Capítulo IX - A agência de compra e venda; Capítulo X - As outras secções centrais; Conclusão e Estatutos do Boerenbond Belge ([www.forumavarzim.org.pt](http://www.forumavarzim.org.pt) (10/04/2014: 16h23)).

<sup>66</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 32-33.

<sup>67</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 33.

Deste pequeno trecho do prólogo da tese retemos algumas conclusões: o *Boerenbond* como associação livre de inspiração cristã, dotada de uma organização perfeita que intervinha eficazmente na totalidade dos problemas económicos, sociais e religiosos da população agrária e a vocação social cristã de Abel Varzim<sup>68</sup>.

O orientador de Abel Varzim foi o Prof. De Vleeschauwer<sup>69</sup>. Na tese, Abel Varzim, aponta e investiga as causas originais do aparecimento das associações agrícolas na Bélgica; estuda a evolução histórica das associações; assinala a origem da *Boerenbond*, descrevendo ao pormenor a sua complexa estrutura e harmonioso funcionamento. Abel Varzim aponta a origem das associações dos agricultores belgas na crise agrícola dos séc. XVIII-XIX<sup>70</sup>.

Para Domingos Rodrigues a conclusão que Abel Varzim faz da sua tese é que: «O *Boerenbond* realiza a sua tarefa estatutária de promover o progresso intelectual, moral e social da classe agrícola e de cuidar de todos os seus interesses materiais, libertando-a da miséria imerecida, proporcionando-lhe o bem-estar económico e social (...)»<sup>71</sup>.

Esta tese foi editada pela Casa «Desclée De Brouwer et Cie», de Paris, em 1934 e impressa na sua casa de Bruges (Bélgica)<sup>72</sup>. Aproveitou a estadia em Lovaina para complementar a sua formação, participando em inúmeros Congressos e Semanas Sociais e aprofundar o estudo das Encíclicas Sociais de Leão XIII e Pio XI<sup>73</sup>.

Ainda em Lovaina, o Padre Abel Varzim privou com diversos vultos do pensamento e da ação social: Jacques Leclercq, mestre em Direito pela Universidade de Bruxelas e em Filosofia por Lovaina; Mons. Picard, assistente eclesiástico da Juventude Católica Belga; Jacques Maritain e o Cónego Joseph Cardijn, fundador e animador da

---

<sup>68</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 34.

<sup>69</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 34.

<sup>70</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 38.

<sup>71</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 38-39.

<sup>72</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 36.

<sup>73</sup> Encíclicas de Leão XIII: *Gravis de Communi*, *Rerum Novarum*. A Encíclica *Gravis de Communi*, publicada em 1901, dez anos depois da *Rerum Novarum*, onde se lê: “Mas seria injusto que o termo democracia cristã fosse desvirtuado para um sentido político. Conquanto a democracia, segundo a etimologia da palavra e o uso que dela têm feito os filósofos, indique o regime popular, entretanto, nas circunstâncias atuais, só deve ser empregada retirando-lhe todo o sentido político, e não lhe ligando outra significação a não ser a ação beneficente e cristã para com o povo” (CEREJO, António - *Abel Varzim e o seu Tempo*, p. 20).



LOC Internacional (Juventude Operária Católica)<sup>74</sup> e com Hergé, autor do “Tintin”. Desta sua estadia colheu o seu interesse pelos temas sociais, questão que marcou profundamente toda a sua ação futura.

Manuel Rocha e Abel Varzim vivem juntos em Lovaina, onde solidificam uma profunda amizade cujos frutos ficaram patentes em Portugal na segunda metade dos anos 30 e durante parte da década de 40<sup>75</sup>.

Após o Doutoramento Abel Varzim não regressou à Arquidiocese de Braga, nem à diocese de Beja, mas rumou em direção a Lisboa, para os serviços centrais da Ação Católica no Patriarcado, onde trabalhou durante vinte e dois anos<sup>76</sup>.

Quando regressa a Portugal, com o Padre Manuel Rocha, formam os Estatutos da Ação Católica Portuguesa (ACP)<sup>77</sup>. Esta deveria ser constituída por organismos especializados<sup>78</sup>, de jovens e adultos, de agricultores, operários e universitários<sup>79</sup>.

Em 1932 é criada a Ação Católica Portuguesa. O poder eclesiástico necessitava de organizar um Estatuto que desse corpo à Organização. D. Ernesto Sena de Oliveira, Presidente da Junta Central da Ação Católica, conhecendo a atividade dos Padres Abel Varzim e Manuel Rocha, encarrega-os de elaborarem os estatutos da ACP<sup>80</sup>. A Santa

---

<sup>74</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 27.

<sup>75</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 28.

<sup>76</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 42-43.

<sup>77</sup> As bases da ACP de 1933 são: «A ACP tem como princípio de organização os seguintes postulados:

- a) Coordenação e cooperação de todas as associações e obras católicas num plano *nacional único*, em ordem à efetivação da união católica para a restauração cristã da sociedade;
- b) Especialização das organizações essenciais da ACP segundo sexo, a idade e a profissão» ([www.repositorio.ucp.pt/bitstre:7/12/2013-10h16](http://www.repositorio.ucp.pt/bitstre:7/12/2013-10h16)).

<sup>78</sup> No que se refere à especialização criaram-se quatro grandes organizações: *A Liga dos Homens da Ação Católica (LHAC)*; *A Liga das Mulheres da Ação Católica (LMACF)*; *a Juventude Católica (JC)*; *Juventude Católica Feminina (JCF)*. No interior de cada organização criaram-se organismos especializados, de acordo com a definição de cinco sectores sociais: agrícola, escolar, independente, operário e universitário: JAC (Juventude agrícola católica); LACF (Liga Agrícola Católica Feminina); LAC (Liga Agrária Católica); LACF (Liga Agrária Católica Feminina).

<sup>79</sup> Cf. FERREIRA, A.; FONTES, P. – *Ação Católica Portuguesa*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2000, Vol. A-C, p. 11-12.

<sup>80</sup> Abel Varzim e Manuel Rocha participaram nas conferências do sociólogo Louis Colens, diretor da Liga dos Trabalhadores Cristãos (primórdios da Ação Católica Operária) sobre a Doutrina Social da Igreja de que as Encíclicas Sociais eram um grande esteio (Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 28).

Sé aprova estas bases do estatuto da ACP e classifica-os como “fórmula perfeita de Ação Católica”<sup>81</sup>.

Em 1934 o Padre Abel Varzim, é convidado pelo Padre Lopes da Cruz<sup>82</sup> que era já, em Lisboa responsável pela redação do Diário “Novidades” e da Revista “Renascença”, e orientador da Campanha para a criação da Rádio Renascença, para se dedicar a estas tarefas, sendo assim, um dos fundadores da Rádio Renascença que iniciou as suas emissões regulares em Janeiro de 1937<sup>83</sup>.

Abel Varzim esteve na fundação da LOC (Liga Operária Católica), organismo especializado da ACP, oficialmente criado em 30 de Junho de 1935, e que iniciou a sua atividade em 1936, da qual foi Assistente Geral até 1948.

Foi o grande impulsionador do jornal “O Trabalhador”<sup>84</sup>, fundado em Maio de 1934, do qual o próprio Abel Varzim nos apresenta uma definição objetiva: «*Órgão de Defesa dos Operários e Porta – Voz da Doutrina Social da Igreja*»<sup>85</sup>. Ao jornal o Padre Abel Varzim dedicou-se de coração e alma, fazendo dele um meio de divulgação dos Organismos Operários da Ação Católica.

Domingos Rodrigues apresenta Abel Varzim a expor-se no jornal *O Trabalhador*, em defesa dos mais desfavorecidos:

«Há várias maneiras de falar a quem é injustamente tratado. Se se provoca o descontentamento, chegamos à revolta. Se se exprime o desabafo, provocamos o ódio que leva também à mesma revolta»<sup>86</sup>.

---

<sup>81</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 28.

<sup>82</sup> O Pe. Abel Varzim ainda lá estava em Junho de 1948, quando com outros elementos do conselho de Redação de “*O Trabalhador*” aí foi recebido pelo Núncio, Monsenhor Pietro Ciriaci, para lhe dar conta das circunstâncias da proibição daquele jornal (Cf. CEREJO, António - *Abel Varzim e o seu Tempo*. p. 11).

<sup>83</sup> Como dissera o Dr. Domingos Rodrigues no seu livro sobre Abel Varzim: «Pode afirmar-se, com toda a propriedade de termos, que Abel Varzim foi, entre nós, nas diferentes atividades que exerceu após o seu regresso de Lovaina, o autêntico e heroico “porta bandeira da Doutrina Social Cristã”, e continua a sê-lo hoje porque a sua mensagem, reflexo fiel do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, é atual» (Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da justiça social*, p.44).

<sup>84</sup> Quando Abel Varzim, regressa a Portugal, em 1934, já estava na rua o 1º número do jornal, lançado no 1º de Maio, por iniciativa do então Arcebispo de Mitilene, D. Ernesto Sena de Oliveira, sob a direção de António Matos Soares que, no seu editorial, estabelece a linha orientadora: “*o nosso programa resume-se numa palavra: Justiça*” (CEREJO, António; CRUZ, Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 30).

<sup>85</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 51.

<sup>86</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 53.

Existiam algumas correntes que se opunham aos direitos do proletariado, e sobre os quais Abel Varzim tentou falar:

«O comunismo e o socialismo julgaram que era preciso excitar o descontentamento dos operários para conseguirem aquilo a que eles têm inconstantemente direito. (...) O Liberalismo supôs que se devia reprimir o brado da indignação dos operários, como se fosse injusta a sua voz. (...) Os operários: “vinde connosco lutar nesta áspera cruzada, neste combate sem fim pelo pão nosso de cada dia: erguei-vos bem alto, à altura da vossa dignidade ultrajada, e dizei ao capitalismo ignóbil que ressuscitastes das cinzas para onde ele vos atirou, que não sois uma abjeta mercadoria de compra e venda, sujeita à lei da oferta e da procura, mas sim seres humanos com direito à vida»<sup>87</sup>.

O jornal *O Trabalhador* entra no campo sensível das reivindicações, a sua mensagem entusiasmava os operários, mas o modo frontal e veemente de apresentar despertou depressa a atenção da censura e produziu um certo escândalo na área do capital<sup>88</sup>.

A mensagem de *O Trabalhador* identificava-se com a doutrina oficial da Igreja e tornava-se incómoda para com aqueles que tiravam proveito da situação degradante da classe operária. Por isso, começou a ouvir-se, sob a forma dum anticlericalismo obtuso, a voz rouca dos “incomodados” a contestar a presença da Igreja na “Questão social”<sup>89</sup>.

Para Domingos Rodrigues, a Censura levantada pelo Estado contra o jornal levou a que:

«Quanto à censura é de notar que ela não só não tinha na devida conta os elogios sinceros do jornal a certos atos do Governo, mas nem sequer respeitava extratos textuais das Encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*, inseridos com frequência nas páginas de *O Trabalhador* para autenticar, com a autoridade suprema de Leão XIII e de Pio XI, a doutrina social da sua mensagem»<sup>90</sup>.

Abel Varzim foi um defensor acérrimo da classe operária agitando intensamente os seus problemas, promovendo apoios, propondo soluções, denunciando abusos e reprimindo traições<sup>91</sup>.

O problema do salário constitui uma das intervenções mais enérgicas de *O Trabalhador*. Primeiro afirma inequivocamente a sua dignidade natural, proclamando

---

<sup>87</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 54-55.

<sup>88</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 55.

<sup>89</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 57.

<sup>90</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 59.

<sup>91</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 64.

que o “salário não é um favor, é um direito”. Depois insurge-se, com veemência, contra o “salário de fome” que, além de humilhar o trabalhador, “também prejudica o patrão, pois o operário com fome não pode produzir bem”. Finalmente desenvolve, com muito ardor, uma campanha pela instituição do “salário familiar”, pois é do trabalho do operário que depende a sobrevivência da sua família<sup>92</sup>.

O desemprego foi sempre uma praga ruínosa que afecta directamente a estabilidade da classe trabalhadora e gera a desordem social<sup>93</sup>. Abel Varzim classificara o desemprego como «um dos cancros sociais de mais terríveis consequências e o maior flagelo social (...)»<sup>94</sup>.

Com tal espírito e determinação, foi colaborador dos diários “Novidades”, “Jornal de Notícias” e “Comércio do Porto”. Estendeu a sua colaboração ao “Boletim da Ação Católica” e a jornais da Ação Católica Operária como: “Juventude Operária”, “Vida e Alegria”, “Voz do Trabalhador”, “Lar e Trabalho”, “Lutador Cristão”<sup>95</sup>. Colaborou na revista “Lumen”, onde publica artigos sobre a questão social e o papel da Igreja. Abel Varzim publicou algumas obras: “Dever Social” em 1941, o “Comunismo” em 1949 e traduziu para português a obra do sociólogo Louis Colens “A Formação dos Dirigentes de Obras Sociais”<sup>96</sup>.

Em Fevereiro de 1935, a Junta Central da Ação Católica nomeia para o Secretariado Económico-Social o Padre Manuel Rocha e para responsável pela orientação de “O Trabalhador”. Este jornal deixa de pertencer à Junta e passa a ser propriedade da Empresa da Renascença, orientada pelo Mons. Lopes da Cruz<sup>97</sup>. Por Domingos Rodrigues, conhecemos o pensamento de Abel Varzim sobre a Rádio Renascença:

«Ainda há alguns incrédulos entre os amigos da Rádio Renascença. Eles vão diminuindo pouco a pouco. (...) Quando a Rádio Renascença estava a funcionar muitos, os que

---

<sup>92</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *bel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 65.

<sup>93</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 66.

<sup>94</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 66.

<sup>95</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 30.

<sup>96</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 30.

<sup>97</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, pp. 30-31.

conheceram as dificuldades que foi necessário vencer para o conseguir, dirão que se trata de um milagre. E eu concordarei com eles (...)»<sup>98</sup>.

Abel Varzim é convidado para coordenador da redação de “O Trabalhador” em 1 de Maio de 1935, permanecendo nestas funções até 20 de Dezembro de 1946<sup>99</sup>. O jornal dirige-se a todos os trabalhadores, com uma predileção especial pelos operários e com o objetivo específico de implantar no mundo do trabalho a Doutrina do Evangelho e as Encíclicas Sociais<sup>100</sup>.

Abel Varzim colocou todo o seu ardor na defesa da classe operária, denunciou com firmeza os abusos dos patrões, entristeceu-se com a cobardia e a traição de alguns trabalhadores, desmascarou a hipocrisia e combateu o farisaísmo<sup>101</sup>.

Em 1935, por decisão de um punhado de operários cristãos, é criada a Cooperativa Popular de Portugal<sup>102</sup>, atingindo o seu maior incremento em meados dos anos 40<sup>103</sup>.

Em 1936, o Pe. Abel Varzim é colocado como assistente da LOC (Liga Operária Católica). Manuel Rocha era assistente da JOC (Juventude Operária Católica), desde 1935<sup>104</sup>. A proximidade de ambos foi decisiva para a promoção dos trabalhadores cristãos portugueses, pela transmissão do saber, numa visão universal do homem, pelo aprofundamento da doutrina social cristã e a prática da solidariedade<sup>105</sup>.

Oliveira Salazar, em 1938, convida o Dr. Abel Varzim para fazer parte da lista de deputados para a 2ª Legislatura – 1938/1942. Importa registar que havia entre ambos um respeito mútuo e reconhecimento intelectual recíproco, cargo que aceitou.

---

<sup>98</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 48-49.

<sup>99</sup> Abel Varzim no último número do jornal escrevera: “ Até breve, portanto, prezados leitores, assinantes e amigos de “O Trabalhador” ... Em breve nos reencontraremos para lutar em nome da Justiça e da Fraternidade...”. Durante o trajeto de 13 anos, surgem dificuldades terríveis: a mão pesada da Censura, a penosa situação financeira e por fim algumas lutas internas na organização da Ação Católica (CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 31).

<sup>100</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 51.

<sup>101</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 67.

<sup>102</sup> Esta Cooperativa chegou a ter delegações em Guimarães, Angra do Heroísmo, Famalicão e Faro.

<sup>103</sup> Abel Varzim insurge-se contra o Governo de Salazar e contra Dr. Castro Fernandes: “ Tudo isto foi miseravelmente torpedeado pelo Drº. Castro Fernandes” (CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 31).

<sup>104</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 31.

<sup>105</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 32.

Enquanto deputado, apoiou todas as medidas que estavam direcionadas na proteção dos carenciados, dos menores, apoiou o imposto sobre os lucros da guerra e a criação de Escolas de Serviço Social<sup>106</sup>. Domingos Rodrigues, apresenta Abel Varzim citando o Dr. Oliveira Salazar:

«Perante o Estado a Nação tem também o dever de falar a verdade. Como Deputado da Nação julgo meu dever, perante o Governo falar a verdade»<sup>107</sup>.

«O primeiro e fundamental remédio seria a cooperação de patrões e operários. Sem essa cooperação nem uns nem outros compreenderão a beleza do ideal corporativo (...)»<sup>108</sup>.

Na Assembleia Nacional, o Padre Abel Varzim defende o casamento dos militares que estão ao serviço da Nação. Este se opôs ao Decreto-Lei nº 31107 que regulava as condições económicas do casamento dos militares:

«A consciência católica, que data de há dois mil anos, lutou durante séculos pela abolição da proibição do casamento de escravos. Conseguiu que lhes fosse concedido o direito ao casamento. Lutou depois durante séculos pela abolição de todas as peias de carácter social que impediam o casamento entre nobres e plebeus ou que não permitiam a união daqueles que estivessem em desigualdade de categoria social»<sup>109</sup>.

Para Abel Varzim o importante da dignidade da família e o seu bem-estar era a união dos esposos, a dignidade da mulher pela recondução do seu lar, pois o homem deve prover ao sustento da família<sup>110</sup>. Mas vai mais longe:

«Se queremos dignificar a família não devemos exigir, para que ela se possa constituir, que ambos os esposos, ou um só deles, tenham meios financeiros para a sustentar (...) é que sejam dados ao homem os meios suficientes para o sustento da família, que o seu trabalho, a sua profissão, lhe garantam o poder de acudir aos encargos normais do seu lar»<sup>111</sup>.

A sua maior intervenção na Assembleia Nacional foi no “Aviso- Prévio” de 17 de Fevereiro de 1939, sobre os Sindicatos Nacionais:

---

<sup>106</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 32.

<sup>107</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 182.

<sup>108</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 183.

<sup>109</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 187. A discussão encontra-se no livro: CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p.178

<sup>110</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 187-188. Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p.178.

<sup>111</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*. p. 188. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p.179.

«O Homem é um ser, por natureza, social. Isolado, sozinho, nada pode fazer. Desde o berço à tumba nós somos devedores para com todos os nossos irmãos. O que vestimos, o que comemos, a nossa própria educação, tudo nos foi dado pelo trabalho dos outros homens. (...) Eu tenho, portanto, para com eles toda uma dívida a pagar, uma dívida de justiça. Aquilo que eles me deram devo retribuí-lo, empregando toda a minha atividade, todo o meu esforço, tudo aquilo de que sou capaz para o bem comum. (...) Tudo pela Nação, nada contra a Nação. Interpreto esta maneira de dizer pela compreensão deste princípio social»<sup>112</sup>.

Abel Varzim deixara a Assembleia Nacional como deputado, não sendo eleito na terceira legislatura para o Parlamento. A 28 de Abril de 1947 escrevera a D. Manuel Trindade Salgueiro sobre este assunto:

«Quando, no primeiro ano em que estive na Assembleia Nacional, tive a triste ideia de um dia, anunciar um aviso-prévio sobre os sindicatos nacionais, fui avisado, no dia seguinte pelo Costa Brochado de que essa mesma noite tinha sido dado aniquilar-me, porque se não poderia consentir que um padre tratasse desses assuntos»<sup>113</sup>.

Em 1939 o Pe. Abel Varzim passa a dirigir o Secretariado Económico-Social, de que fora primeiro diretor Pe. Manuel Rocha.

O Secretariado tinha como objetivo exercer atividades sociais e promover a fundação e o desenvolvimento de instituições integradas no seu âmbito, era um órgão da Ação Católica para esta poder cumprir um dos seus fins: fazer ação social<sup>114</sup>.

Entre 1940 e 1943 desenvolvem-se importantes ações de divulgação social e de formação de militantes operários cristãos<sup>115</sup>.

No início de 1941, D. Ernesto Sena de Oliveira deixa a Junta Central da Ação Católica, sendo substituído por D. Manuel Trindade Salgueiro. Neste mesmo ano, Abel Varzim, cria o Centro de Estudos e Ação Social para Universitários, inicialmente com estudantes do Instituto Superior Técnico e de outras Universidades<sup>116</sup>.

Em Setembro de 1947 é constituída uma sociedade anónima, denominada Sociedade Editorial “O Trabalhador”; a 17 Janeiro de 1948 surge o primeiro número

---

<sup>112</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, pp. 139-140.

<sup>113</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 189.

<sup>114</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 159.

<sup>115</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*, p. 33.

<sup>116</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 170.

desse semanário, tendo como diretor António Cerejo, chefe de redação Manuel Alpiarça.

O ano de 1948 tornar-se-ia no ano mais obscuro de todo o trabalho realizado pelo Pe. Abel Varzim; primeiro, porque a hierarquia da Igreja vivia na opulência, enquanto os pobres sofriam, e depois porque Salazar dominava a Igreja<sup>117</sup>.

No dia 14 de Fevereiro de 1948, o jornal vê-se obrigado a publicar uma extensa “nota oficiosa” assinada por Castro Fernandes (Subsecretário das Corporações), dizendo: «“intuitos de subversão social”, “publicação subversiva eivada de clandestinidade”»<sup>118</sup>. Segundo António Cerejo, Abel Varzim responde à nota oficiosa com profunda dignidade e irrefutável lógica: «Como cristãos, seguimos a doutrina que os Sumos Pontífices têm proclamado desde há quase 60 anos para cá»<sup>119</sup>.

Para Domingos Rodrigues, o Pe. Abel Varzim na suspensão do jornal *O Trabalhador* manifestara-se:

«Muitos sacrificam-se por O Trabalhador. Infelizmente há camaradas que o não compreendem e que o desprezam não nos admira a incompreensão nem nos fere o desdém. O que nos magoa são os que atraíam a causa sagrada de todos nós. Há camaradas que, para não desgostar dos patrões, devolvem o jornal apesar de gostarem dele»<sup>120</sup>.

O jornal “*O Trabalhador*” deve enfrentar, desde o início da sua publicação, a hostilidade permanente da Censura. Caiu sob a suspeita deste organismo tendo intenções revolucionárias de índole marxista<sup>121</sup>.

No testemunho de Domingos Rodrigues, Abel Varzim, ficara desolado com o fecho do Jornal “*O Trabalhador*”, escreve:

---

<sup>117</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p.37. O Pe. Abel Varzim viria a descrever no seu “Diário”, em 1948, toda a situação do País e da Igreja dominada pelo forte poder de Salazar: «Desde há dias que tenho andado completamente esmagado. Escreverei a história disto. Para mim estou convencido que os nossos chefes hierárquicos estão a cometer, ou melhor, vêm cometendo desde há muito, um gravíssimo erro. São cobardes – ou pelo menos parecem-no – e são comodistas e burgueses».

<sup>118</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, pp. 35-36

<sup>119</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim - Entre o ideal e o possível*, p. 36.

<sup>120</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 90.

<sup>121</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 91.



«A suspensão de *O Trabalhador* tem arrancado lágrimas a muitos operários. Para mim foi um choque tremendo. Não é por amor de Deus nem das almas dos operários que se alegram. E eu sinto-me só, sem dinheiro, sem amparo, sem estímulo. No momento em que mais era preciso que a voz da Igreja não se calasse, cai uma bandeira que eu não sei se terei forças de voltar a erguer (...) Que se alegrem que o Senhor não dorme. Eu continuarei a sofrer, não por mim que, pessoalmente, nada disso me interessa, mas por tudo o que significa o que se fez»<sup>122</sup>.

O Subsecretário de Estado das Corporações e da Previdência Social tinha garantido que “nada aconteceria ao semanário, se as críticas e observações se baseassem na verdade”<sup>123</sup>. Abel Varzim responde ao Subsecretário:

«O Senhor Subsecretário assumiu a responsabilidade de nos chamar marxistas e de nos mimosear com a afirmação de que *O Trabalhador*, na realidade, constitui o mais execrável elemento de desorientação dos espíritos, da deformação da verdade e abastardamento da dignidade dos que trabalham»<sup>124</sup>.

A nota oficiosa do governo contra o jornal *O Trabalhador* tinha dois objetivos: deserção dos assinantes e leitores e a desistência da equipa redatora, mas Abel Varzim respondeu:

«Esta nota oficiosa lançou nos arraiais católicos muita confusão e o jornal sentiu-a pela baixa da venda: muitos tiveram dúvidas em comprar um jornal classificado oficialmente de comunista e outros medo de o terem na mão com receio de represálias, tendo sido feitas até ameaças e proibições. A campanha do jornal *A Nação*, apoiada pelo governo, ainda mais mal nos fez junto dos tímidos, embora tivesse suscitado da parte de muitos impressionantes dedicações»<sup>125</sup>.

A hierarquia eclesiástica quase não reagiu contra a violência de que *O Trabalhador* fora alvo. Chegaram apenas duas ou três cartas. Uma dirigida a Abel Varzim e companheiros pelo Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias que lamentou o caso e manifestou solidariedade com eles, mas a título pessoal e não oficialmente<sup>126</sup>.

Em 1948, o Pe. Abel Varzim abandona as funções de professor no Instituto Serviço Social<sup>127</sup>. Neste mesmo ano o Pe. Abel Varzim tem uma entrevista com o

---

<sup>122</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 99.

<sup>123</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 104.

<sup>124</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 109.

<sup>125</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 113.

<sup>126</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 124-125.

<sup>127</sup> Nesta época as autoridades exercem chantagem económica junto da igreja, dado que o Instituto era, em parte, financiado pelo Estado, logo, para que o Instituto prosseguisse, o Pe. Abel Varzim saiu.

Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira<sup>128</sup>. Abel Varzim declara a este prelado abandonar o cargo de Assistente eclesiástico da LOC e de Diretor do Secretariado Económico Social<sup>129</sup>. Na demissão da LOC de Abel Varzim, Domingos Rodrigues aponta as razões:

«O plano de execução incluía os seguintes elementos: aproveitamento do mal-estar existente no interior da Direção Geral da Ação Católica, a exploração psicológica e sentimental dos efeitos secundários das demissões anteriores, provocações de desgaste e entrevistas de amortecimento»<sup>130</sup>.

No pensamento de Domingos Rodrigues, Abel Varzim perante a sua demissão descreve a situação do Estado face à Igreja:

«O Estado-Salazar é quem manda na Igreja, confundem-se quase neste país e o mal avança de cada vez mais... Querem que eu saia de Ação “católica”. “Porquê? – Por ter defendido a doutrina social da Igreja. Porquê? – Por ter procurado servir a Igreja e reagir contra a sua submissão a Salazar. Porque mais? – Por ser incómoda a minha presença e inabalável a minha intransigência»<sup>131</sup>.

A Igreja, na pessoa do Cardeal Patriarca, saiu em defesa de Abel Varzim, perante a demissão e afastamento da LOC:

«O Senhor Cardeal disse-me, há dias, que tinha dois caminhos a seguir: cobrir-me e sofrer-lhe as consequências de uma má vontade do estado: ou então guardar-me como uma reserva da Igreja, esta situação política não pode durar muito; nós não temos ninguém, a não ser o Padre Varzim, com prestígio suficiente para desfraldar, depois da queda disto, uma bandeira. Encobrir-me para me manter como “uma reserva da Igreja”»<sup>132</sup>.

A demissão do Assistente Geral da LOC, depois da suspensão do jornal *O Trabalhador* e do encerramento definitivo do Secretariado Económico-Social, rematou o processo do afastamento de Abel Varzim das suas funções oficialmente ligadas à Ação Católica<sup>133</sup>.

---

<sup>128</sup> O Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira: “o Padre Varzim é a única pessoa capaz de desfraldar uma bandeira quando chegar o momento de o Estado Novo cair” (CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim, Entre o ideal e o possível*, p. 21).

<sup>129</sup> O Pe. Abel Varzim manifesta-se contra o Estado Novo: “O Estado-Salazar é quem manda na Igreja, confundem-se quase neste País e o mal avança cada vez mais... Por agora apenas quero registar, o facto: Querem que eu saia da Ação Católica” (CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim, Entre o ideal e o possível*, p. 37).

<sup>130</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 198.

<sup>131</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 199.

<sup>132</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 199.

<sup>133</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 205.

Foi o responsável pela realização de importantes iniciativas, como a Peregrinação Operária a Fátima em 1943, e organiza em Dezembro de 1950, o Congresso dos Homens Católicos<sup>134</sup>. Abel Varzim ao organizar este Congresso em Lisboa «destinava-se aos homens católicos de todas as classes e níveis sociais, e tinha por objetivo o estudo e exposição da doutrina social da Igreja»<sup>135</sup>.

### **3. A ÚLTIMA ETAPA DA VIDA DO PE ABEL VARZIM**

Depois de ser afastado de vários cargos, o Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, nomeou o Padre Abel Varzim para pároco da Encarnação.

Deixou a sua terra natal quando ingressou no Seminário, e só voltaria às suas origens quando pediu dispensa da paróquia que lhe estava confiada em Lisboa. Por Cristelo o seu Apostolado continuou muito ativo.

#### **3.1. Padre Abel Varzim, pároco da Encarnação**

No início de 1951, o Cardeal Patriarca convida o Pe. Abel Varzim para pároco na cidade de Lisboa. Entre duas hipóteses, o Pe. Abel Varzim escolhe a paróquia mais pobre e com mais problemas: a Encarnação, no Chiado. Toma posse a 11 de Fevereiro e mantém-se nesta paróquia até Outubro de 1957.

O Pe. Abel Varzim viria a definir a paróquia da Encarnação com as seguintes palavras:

«A paróquia da Encarnação ... aparecia, no seu conjunto, de tal modo marcada pela corrupção que muita vez me senti incapaz de paroquiá-la. A prostituição imprimia-lhe carácter, entranhava-se de tal modo nas suas casas, nas ruas e no ar que se respirava, que mais parecia feudo do diabo do que paróquia da Igreja Católica»<sup>136</sup>.

---

<sup>134</sup> Cf. CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim, Entre o ideal e o possível*, p. 38.

<sup>135</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 208.

<sup>136</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim, Entre o ideal e o possível*, pp. 38-39.

Temos conhecimento da experiência como pároco, do Padre Abel Varzim, a partir do testemunho de Domingos Rodrigues:

«Nunca tinha sido pároco nem fazia ideia de que era sê-lo. Conhecia apenas o Evangelho que importava ser Pastor e nesta qualidade, conhecer as “ovelhas”, e ser por elas conhecido. E mais ainda: dar a vida por elas (cf. Jo10)»<sup>137</sup>.

Como pároco o seu primeiro dever era conhecer a paróquia, as diferentes “ovelhas”, os possíveis lobos, seus esconderijos e suas artimanhas<sup>138</sup>. Para Ele não foi difícil descobrir que, na paróquia, se “acoitavam” dezenas e dezenas de lupanares. O panorama humano da freguesia era muito sombrio: «Havia lá gente da mais fina flor e cristãos de rija têmpera», mas no conjunto grassava a mancha aflitiva e desoladora da pobreza e da corrupção moral<sup>139</sup>.

Abel Varzim assumiu plenamente a responsabilidade de pároco, assegurando a prática dos atos de culto cristão e das devoções tradicionais da paróquia e promoveu a formação moral e religiosa de todos os seus paroquianos:

«Em ordem à formação moral e religiosa de todos os seus paroquianos, Abel Varzim recorria a várias ações específicas a saber: a catequese e a ação juvenil para as crianças; as organizações da JOC e do Escutismo para os jovens; e conferências doutrinárias para diferentes grupos de adultos ao longo do ano e, com mais insistência durante a quaresma»<sup>140</sup>.

Em Janeiro de 1952 cria o Boletim *A Nossa Paróquia*. Este era mensal, portador de pequenas mensagens do pároco, recortes de história da paróquia, informações sobre atividade religiosa e social e o calendário litúrgico do mês<sup>141</sup>.

Para Abel Varzim a ação social na Paróquia da Encarnação integrava um dever cristão. Na paróquia existiam duas chagas: a pobreza material que descia ao nível inferior da miséria e a degradação moral que se consumava na prostituição.

A 2 de Fevereiro de 1953 Abel Varzim, com um pequeno subsídio do Estado e com as dádivas de particulares, conseguiu abrir, anexo à Igreja, o Centro Paroquial de Assistência da Encarnação e um Posto Médico<sup>142</sup>.

<sup>137</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 210.

<sup>138</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 210.

<sup>139</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 210.

<sup>140</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 211.

<sup>141</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 212.

Segundo o testemunho de Domingos Rodrigues, sobre a Ação Social de Abel Varzim na paróquia:

«O centro distribuía sopa e pão aos necessitados, depois, quando obteve instalações adequadas, dava aulas e proporcionava momentos de convívio. O Posto médico, oferecia consultas, tratamentos e remédios. Passavam por lá doentes com tuberculose, raquitismo, linfatismo, sífilis e fraquezas gerais. Todos eram tratados e muitos curavam-se»<sup>143</sup>.

Todos procuravam o Padre Abel Varzim, para ele os ajudar a superar as dificuldades e necessidades de várias ordens:

«Abel Varzim recebia toda a gente, sem distinções ouvia pedidos sem conta: dinheiro para comida, roupas e calçado; recomendações para empregos e favores de toda a ordem. Fazia sempre pelos necessitados tudo quanto estava ao seu alcance. Chegava mesmo a fazer mais do que podia, pois dava frequentemente o que lhe fazia falta (dinheiro, roupa e calçado); e, uma vez até entregou a um pobre, que lhe apareceu descalço, os sapatos de um colega»<sup>144</sup>.

O mal grassava na paróquia. O Padre Abel Varzim queria fechar os lupanares e expulsar as prostitutas do Bairro. Recorreu à intercessão de Santa Maria Goretti:

«Era necessário “fechar os lupanares e limpar a freguesia das prostitutas” (...) Em determinada altura ocorreu-lhe uma ideia: recorrer à proteção de Santa Maria Goretti. Foi uma rapariga que, para não cair na corrupção, defendeu a sua virgindade com a própria vida. Implantaria o culto da Santa na Igreja da Encarnação e ela afastaria as prostitutas para longe da paróquia. (...) Qual não foi, porém, o meu espanto ao ver que as primeiras devotas e as primeiras esmolas do seu altar vinham precisamente da prostituição. (...) Quisera-as fora da paróquia e invadiram-me a Igreja. Positivamente começavam os meus planos a falhar. Como afastá-las, se a Santa as chamava, parecendo acolhe-las e ampará-las?»<sup>145</sup>.

Invertendo os seus projetos, as prostitutas começavam a pedir os últimos sacramentos. O Pe Abel Varzim teve de levar os sacramentos a prostitutas tuberculosas e moribundas. A pastoral da prostituição realizada por Abel Varzim ia desde a Igreja, aos lupanares, às ruas, ao cemitério:

«O funeral da quarta rapariga foi imponente. Atravessou a cidade desde a Igreja da Encarnação até ao cemitério do Lumiar. Um cortejo tão grande e só de mulheres. O pároco permaneceu junto da campa até que o coveiro terminasse o serviço para dar tempo a que a multidão dispersasse. Mas, quando chegou ao portão do cemitério, encontrou um grupo de raparigas à espera. Uma delas disse-lhe: “Vimos agradecer-lhe o que o Senhor fez por nós”. Ele olhou-as com atenção e, não as reconhecendo, respondeu: “Mas eu não

---

<sup>142</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 212.

<sup>143</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 212.

<sup>144</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 213.

<sup>145</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 214.

me recordo de ter feito nunca nada por nenhuma de Vós”. A mesma rapariga insistiu: “Nós queremos agradecer-lhe, Senhor Prior”»<sup>146</sup>.

Abel Varzim decidiu fazer algo mais por estas mulheres, que estavam imbuídas na prostituição, criou a *Obra das Raparigas*:

«Tinha de fazer alguma coisa mais por “Elas”. Antes dos últimos sacramentos. O mais depressa possível. Era necessário oferecer-lhes meios e condições para “elas”, poderem apagar o seu passado»<sup>147</sup>.

A obra das raparigas surgiu por influência do “Ninho de Paris”. «O “Ninho de Paris” inspirou-lhe o projeto da Obra das Raparigas da Prostituição»<sup>148</sup>. Esta obra surge na Quinta do Bosque e já com uma colaboradora direta, D. Sílvia Cardoso:

«Num dos seus encontros com o Cardeal Patriarca, Abel Varzim expôs-lhe o projeto da Obra. Nesse tempo o Patriarcado possuía, na Amadora, uma propriedade denominada Quinta do Bosque, onde existia um grande edifício que já tinha sido a casa de retiros para leigos, sob a direção de D. Sílvia Cardoso. O local ajustava-se perfeitamente ao projeto da “Obra das Raparigas da Prostituição”»<sup>149</sup>.

Para dirigir a “Obra das Raparigas da Prostituição” foi D. Maria José Lencastre, sobrinha de D. Sílvia Cardoso<sup>150</sup>.

«O Centro de Recuperação da Quinta do Bosque abriu no começo de Julho de 1954 com oito raparigas internas. Funcionava em dois regimes: internato com a lotação máxima de dezoito raparigas e externato ou lar que podia admitir até cerca de cinquenta. Algumas raparigas eram admitidas grávidas, outras já tinham filhos pequenos. No centro as raparigas dispunham de assistência médica e enfermagem, formação moral e religiosa, instrução primária para as que não sabiam ler e aprendizagem de ofícios femininos»<sup>151</sup>.

Surge com Abel Varzim a “Liga Nacional contra a Prostituição” (1954-1964):

«Com a preocupação de garantir a sobrevivência do centro e o desejo de suscitar a sua expansão, Abel Varzim criou a “Liga Nacional Contra a Prostituição”. Dado o seu caráter e objetivos eminentemente sociais e cristãos, a Liga atraiu a simpatia e adesão de muitas pessoas bem formadas que se esforçavam por angariar contribuintes para o centro e paralelamente, tentavam despertar nas prostitutas a vontade de recuperação. A Liga

---

<sup>146</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 215.

<sup>147</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 216.

<sup>148</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 216.

<sup>149</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 216.

<sup>150</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 216.

<sup>151</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 217.

Nacional contra a Prostituição foi a última iniciativa social da sua permanência de vinte e dois anos em Lisboa»<sup>152</sup>.

### 3.2. O regresso à Terra Natal

Em 1957, pede renúncia de pároco da Encarnação e em Outubro regressa a Cristelo, Barcelos.

No dia 8 Janeiro de 1963, o Pe. Abel Varzim dirigiu uma carta à diretora do jornal “*Lar e Trabalho*” que dizia: “... os meus maiores sofrimentos não vieram da Ação Católica. A Obra das raparigas, essa sim, essa é que me fez beber o cálice da amargura”<sup>153</sup>.

A frontalidade e a coragem em defesa da justiça social valeram-lhe perseguições e o seu afastamento de Lisboa, vindo a fixar-se na sua terra natal, em 1957, por imposição do governo. Cansado e doente, continuou a sua ação em prol do desenvolvimento e da solidariedade, tendo promovido a criação da Sociedade Avícola do Minho (SAMI), sociedade cooperativa, que se propunha o desenvolvimento económico da região<sup>154</sup>.

Abel Varzim não fazia política, mas praticava o amor cristão que abraça todos os homens, por isso recebera em Cristelo, muitos políticos perseguidos pela PIDE. Este conhecia por experiência o papel da Censura<sup>155</sup>.

Vigiado pela PIDE, durou seis anos e meio o seu cativeiro, onde veio a falecer na Casa de Recuperação no Porto, a 20 de Agosto de 1964, vítima de um terceiro ataque cardíaco<sup>156</sup>.

A 26 de Fevereiro de 1980, a deputada Helena Cidade Moura, na Assembleia da República sublinhou a personalidade extraordinária e toda a eminente obra social de

---

<sup>152</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 218-219.

<sup>153</sup> CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da - *Abel Varzim, Entre o ideal e o possível*, p. 40.

<sup>154</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 225.

<sup>155</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 227-228.

<sup>156</sup> O Funeral do Pe. Abel Varzim teve lugar a 22 de Agosto sob a presidência do seu grande amigo Monsenhor Lopes da Cruz, em representação do Arcebispo de Braga, além de muitos amigos e familiares, delegações de ex-prostitutas de Lisboa e Porto (Cf. RODRIGUES, Domingos, *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 231).

Abel Varzim, sublinhando a coragem do seu aviso-prévio ao Governo, em 1939, em prol da liberdade dos Sindicatos Nacionais<sup>157</sup>.

A 25 de Abril de 1980, o Presidente da República António Ramalho Eanes, reconheceu os méritos singulares de Abel Varzim na defesa constante dos pobres, condecorando-o, a título póstumo, com a Ordem da Liberdade<sup>158</sup>..

Ainda hoje, o seu nome é lembrado e a sua obra perpetuou, através das várias conferências, debates, encontros de trabalho e de investigação alusivos à ideologia que defendeu. Em 27 de Abril de 1996 criou-se em Lisboa, o fórum “Abel Varzim Desenvolvimento e Solidariedade”.

#### **4. AS OBRAS DO PADRE ABEL VARZIM**

O Pe Abel Varzim foi um escritor profícuo que nos deixou um legado de muitos escritos. Assim temos: “*Procissão dos Passos – Uma Vivência no Bairro Alto*”, um escrito de carácter autobiográfico, mas simultaneamente um exercício de meditação e reflexão, através do qual o Padre Abel Varzim descreve o modo como, a partir de 1951 e enquanto pároco da Encarnação, em Lisboa, contactou pastoralmente com a realidade da prostituição feminina do Bairro Alto. Esta realidade conduziu-o ao lançamento de uma nova e inédita iniciativa da promoção humana, a “Obra das Raparigas da Prostituição”. Elaborou um projeto de acolhimento e reinserção social das mulheres “toleradas”<sup>159</sup>.

A “*Cartilha Corporativa*” (1941), referente ao Estatuto do Trabalho Nacional, apresenta o caminho percorrido pela economia corporativa portuguesa, que teve início a 23 de Setembro de 1933.

O livro “*Comunismo*” (1949) teve em vista, defender-se das caluniosas e aberrantes acusações do Secretário de Estado das Corporações que, na infame nota oficiosa obrigou a sua publicação no jornal “O Trabalhador”, em Fevereiro de 1948, que

---

<sup>157</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p.249.

<sup>158</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 248.

<sup>159</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 7.



classificou de “marxista” o conteúdo do jornal. Para o autor, o comunismo é o fruto da descristianização promovida e sofregamente explorada pelo capitalismo e pelo liberalismo, que o mesmo capitalismo teve ao seu serviço.

## CAPÍTULO II

### A RELIGIOSIDADE POPULAR NO PERÍODO DO PE ABEL VARZIM

No segundo capítulo apresentamos como primeiro ponto: a religiosidade popular, as suas manifestações, o seu contributo para a fé cristã, alguns elementos históricos, o contributo da antropologia e da teologia e por fim a espiritualidade da religiosidade popular. O segundo ponto apresentará a piedade popular. Por último, apresentaremos o catolicismo em Portugal, o seu contexto, as devoções da época e veneração da cruz.

Para me ajudar na apresentação deste capítulo, escolhi um trecho retirado da obra “*A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*”. Nesta passagem, temos algumas manifestações religiosas e contributos para a fé do Povo de Deus: “Procissão dos Passos”, “Imagem de Cristo”, “Imagem das Dores”, etc.

«Acaba de passar a Procissão dos Passos. A imagem de Cristo, em riquíssimo andor, vergava ao peso da Cruz. Ia, noutro andor, a imagem das Dores. De um lado e doutro do caminho, filas de homens, vestindo capas negras, conduziam na mão lanternas acesas. Grupos de crianças, vestidas a rigor, figuravam os passos da Paixão. Seguia, depois, o Pálio. Debaixo dele, três sacerdotes de olhos fitos no chão. Acompanhava a Procissão muito povo, compadecido, devoto, indiferente ou curioso. Rezavam uns, olhavam outros, comentavam alguns, sorriam uns tantos.

A Paixão de Cristo continua ainda e será Paixão até ao fim dos tempos. Mas não desta maneira, que é apenas um símbolo e pouco mais. De que serve, com efeito, seguir a Procissão, vestir opas negras, empunhar lanternas, uma vez por ano, se não acompanhamos a Procissão de todas as horas, em que Jesus passa por meio de nós, humilhado e abatido até ao pó da terra não em imagem de madeira ou de pedra, mas em carne palpitante, sofredora e sangrenta, pelas ruas da cidade, pelas vielas dos bairros, pelas portas dos hospitais e das prisões, pelas nossas próprias portas? Cristo continua habitando em nós, mas não O reconhecemos.

A Procissão dos Passos é de todos os dias, mas não tem andores, nem música, nem anjinhos. Tem dores, angústias, desesperos, lamentos, lágrimas e chagas. São os ódios de raças, as lutas fraticidas, os colonialismos e os anti-colonialismos, os campos de concentração, a opressão das consciências, as limitações da personalidade, da liberdade e da consciência humanas, a fome, o desemprego, os bairros de lata, os acidentes de trabalho. Tudo isto flagela, dilacera, crucifica o Corpo de Cristo, como nunca talvez na História da Humanidade»<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, pp. 21-22.

## 1. A RELIGIOSIDADE POPULAR

A Religiosidade Popular é um dos temas mais tratados no pós-concílio Vaticano II e que dinamizou a reflexão em Portugal até 1985. A religiosidade popular foi abordada, como realidade a ultrapassar. Desde o documento de Paulo VI (1974), até à reflexão de Michel Meslin (1988) e ao *Directório sobre Piedade Popular e Liturgia* (2001)<sup>161</sup>.

A etimologia da palavra «religiosidade» manifesta uma qualidade que encerra em si uma relação com aquilo que é religioso, abarcando o conjunto de fenómenos de índole religiosa. No âmbito popular, esta expressão traduz aquilo que mais profundo, direto e intuitivo existe na alma do povo, em relação a Deus e a todo o mundo transcendente. O termo «popular» aplicado a «religiosidade» tem um significado preciso, uma conotação de «opressão» sobretudo sócio- antropológica, uma conotação de miséria<sup>162</sup>.

O Magistério da Igreja Católica não só aceita estas facetas mas também pretende expurgar a religiosidade dos erros antigos, e restituir-lhe um verdadeiro conteúdo. A religiosidade popular surge a partir de diversas dimensões: psicológica, histórica, social e pessoal<sup>163</sup>.

A Religiosidade popular confunde-se com “religião” ou com tendência natural do espírito humano para a atitude religiosa.

A religiosidade popular é a forma como o povo expressa a sua visão da vida e a sua relação com o sagrado, através de ritos, símbolos e comportamentos. Trata-se de um conjunto de meditações ou expressões várias nas quais um sujeito, neste caso o povo, vive numa atitude de relação religiosa. Quando se fala de «religiosidade popular» entende-se não só as expressões que surgem do Cristianismo, mas também aquelas que surgem das crenças e superstições, para respostas ao homem<sup>164</sup>.

---

<sup>161</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *A religiosidade popular*. Ed. UCP, Lisboa, 2009, pp. 349-350.

<sup>162</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. P-V. p. 108.

<sup>163</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 108.

<sup>164</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 108.

A Religiosidade popular seria a religiosidade das massas, desse povo anónimo ao qual pertencem pessoas de todas as categorias sociais, sem distinção de raça, cultura, posição económica ou social.

No pensamento do Prof. José da Silva Lima, a religiosidade popular é um:

«Conjunto de convicções e práticas religiosas que grupos étnicos e sociais elaboraram através de uma adaptação especial do cristianismo a culturas típicas (...) A religiosidade popular é como uma grande árvore que brota do “modelo oficial” da Igreja-instituição, não em contraste com esta, mas como livre “comportamento” existencialidade vivida, da única Fé católica. (...) não é uma categoria em si, nem um fenómeno rígido; é antes “a religião institucional que varia segundo os diferentes ambientes, contextos socioeconómicos, comportamentos e vida.” A “religião oficial”, misturando-se com eles, engendra o fenómeno da “religiosidade popular”»<sup>165</sup>.

A religião popular é feita não somente de imaginação e de esperança, mas também de recordação e nostalgia. Para a Sociologia: “o fenómeno religioso tem por sujeito as classes subalternas inseridas num processo produtivo dependente”<sup>166</sup>.

A religiosidade popular manifesta um povo situado social e historicamente, de forma que o tipo de expressão pode variar com a mudança político-social. Os fenómenos religiosos populares seriam as formas sensíveis de fazer atuar o divino no quotidiano, de tornar o divino imanente, seriam as perceções concretas e simples da inteligência do divino ou a expressão do divino nas classes populares<sup>167</sup>.

A religião popular seria uma religião do homem e da mulher para quem o estudo não é atividade principal e que cumpre os atos prescritos pela lei da Igreja, mas sem aquela formação necessária para o aprofundamento metódico da sua vida de fé<sup>168</sup>.

A religiosidade popular poderá ser lugar da preservação da identidade e até de uma certa desculturação. Ela pode ser entendida como um conjunto de ritos, comportamentos e gestos religiosos de um povo, caracterizados pela simplicidade e pobreza, onde manifestam a sua relação e abertura ao divino. Para a pessoa, a religiosidade é uma relação interior com a realidade meta-empírica, a partir da experiência vivida interiormente, experiência matizada pelo contexto sociocultural e

---

<sup>165</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 108.

<sup>166</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 109.

<sup>167</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 109.

<sup>168</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 109.

religioso em que vive, cujas manifestações podem ser exteriorizadas de diversas formas<sup>169</sup>.

Segundo o *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia* afirma que a Religiosidade popular:

«Refere-se a uma experiência universal: tanto no coração de cada pessoa, como na cultura de cada povo e nas suas manifestações coletivas, está sempre presente uma dimensão religiosa. (...) A religiosidade popular não se reporta necessariamente à revelação cristã. Mas, em muitas regiões, exprimindo-se numa sociedade impregnada, de muitas maneiras, de elementos cristãos, dá lugar a uma espécie de «catolicismo popular», em que coexistem, mais ou menos harmonicamente, elementos provenientes do sentido religioso da vida, da cultura própria de um povo, da revelação cristã»<sup>170</sup>.

Ao longo dos tempos, sempre têm surgido críticas à religiosidade. Assim, a religião seria uma forma ultrapassada e absurda de explicação do mundo e da vida, incompatível com a mentalidade científica moderna que procura as causas dos fenómenos pela observação e pela experiência. A Religião é criticada por Marx e Freud; no primeiro, entende que ela serve para desviar os homens da solução dos seus problemas concretos e no segundo, o homem procuraria na religião o conforto psicológico para a insegurança da vida, ou seja, o homem forjaria a paternidade divina como apoio para as suas dificuldades<sup>171</sup>.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* contém elementos precisos que valorizam a religiosidade popular «os atos de piedade do povo cristão, desde que estejam em conformidade com as leis e normas da Igreja, são muito recomendados, especialmente quando se realizam por mandato da Sé Apostólica» (SC, 13).

O documento conciliar aponta orientações acerca da adaptação cultural dos ritos litúrgicos:

«A Igreja respeita e desenvolve as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos; considera com bondade tudo o que nos costumes dos povos não está indissolivelmente ligado às superstições ou a erros e, se for possível, conserva-o inalterado e até às vezes o admite na própria liturgia sobretudo quanto à administração dos Sacramentos, aos Sacramentais, às procissões, à língua litúrgica, à música sacra e às artes, todavia sempre em conformidade com as normas fundamentais contidas nesta Constituição» (SC, 37-39).

---

<sup>169</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 110.

<sup>170</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 9.

<sup>171</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 13-14.

## 1.1. Manifestações da Religiosidade Popular

Pela Religiosidade popular nascem os costumes cristãos tradicionais, as práticas de piedade, as várias manifestações de devoção mariana, as celebrações dos padroeiros, as procissões, as romarias e peregrinações, os sacramentos, as imagens, as figuras, etc<sup>172</sup>.

Os costumes tradicionais estão presentes nas orações, nas práticas rituais do povo, caindo num certo ritualismo e formalismo, vazio e sem sentido, de pouca chama espiritual<sup>173</sup>.

Existem variadas formas de manifestação religiosa, ao longo da vida do crente: a oração do Angelus, a oração da noite (completas), a invocação do santo protetor, a invocação do padroeiro, a invocação do santo das viagens, das tempestades, etc. Surgem das invocações e orações populares as manifestações de Deus, e de Jesus Cristo<sup>174</sup>.

As devoções designam as diversas práticas exteriores, que animam por atitudes interiores de fé, manifestam um carácter particular da relação do fiel com as Pessoas Divinas ou com a Bem-Aventurada Virgem Maria<sup>175</sup>.

As devoções populares distinguem-se pelo carácter litúrgico e comunitário: primeiras sextas-feiras, recitação do terço, via-sacra, Consagração ao Sagrado Coração de Jesus, ao Sagrado Coração de Maria, celebração dos santos, Visitas ao Santíssimo, Lausperene, etc<sup>176</sup>.

Em Portugal as devoções marianas são aquelas que têm maior expressão na religiosidade popular. Surgem das várias invocações ou venerações a Nossa Senhora, ligadas aos lugares, às situações da vida, ou aparições de Maria<sup>177</sup>.

---

<sup>172</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 27.

<sup>173</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 27.

<sup>174</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 28.

<sup>175</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 8.

<sup>176</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 29.

<sup>177</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 29.

Nas invocações de Nossa Senhora sobre os lugares, corresponde à comemoração de um acontecimento milagroso, recorrendo à intervenção de Maria e consagrando-lhe essa comunidade.

Existem invocações ligadas às verdades marianas: Conceição, Virgindade e Assunção. Na doutrina do Concílio Vaticano II, ensina que o culto a Maria faz com que «ao honrarmos a Mãe, seja bem conhecido, amado e glorificado o Filho» (cf. LG, 66) porque «as funções e os privilégios da santíssima Virgem, os quais sempre se referem a Cristo, origem de toda a verdadeira santidade e devoção» (cf. LG, 67).

No culto dos Santos, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* resume a virtude dos santos, que norteia em ação pastoral:

«Não veneramos, porém, a memória dos santos apenas pelo exemplo que nos dão; fazemo-lo, mais ainda, para que a união de toda a Igreja no Espírito Santo se consolide pelo exercício da caridade fraterna. Pois, do mesmo modo que a comunhão cristã, entre os que peregrinam neste mundo, nos coloca mais perto de Cristo, assim também a familiaridade com os santos nos une com Cristo, de quem promana, como de fonte e cabeça, toda a graça e a própria vida do Povo de Deus. Muito convém, portanto, que amemos estes amigos e co-herdeiros de Jesus Cristo, também irmãos nossos e benfeitores insignes, que demos as devidas graças a Deus por no-los ter dado, que «os invoquemos humildemente e que recorramos às suas orações, à sua intercessão e ao seu auxílio para impetrarmos de Deus as graças necessárias, por meio de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor, que é o único redentor e salvador nosso». Na verdade, todo o amor autêntico que manifestamos aos bem-aventurados, dirige-se por sua natureza a Cristo e termina n'Ele, «coroa de todos os santos», e, por Ele, termina em Deus, que é admirável nos seus santos e neles é glorificado» (LG, 50).

Na atualidade as procissões são vistas como um certo folclore e triunfalismo. Para o catolicismo popular compreende a Paixão do Senhor, um dos momentos mais expressivos da ascensão para a Cruz<sup>178</sup>.

A procissão é uma expressa cultural de carácter universal e com uma valência religiosa e social múltipla. A igreja inspira-se em modelos bíblicos, para instituir algumas procissões litúrgicas<sup>179</sup>.

A partir da Idade Média, as procissões votivas atingiram o seu apogeu: para honrar os Santos padroeiros de uma cidade, aldeia ou associação, levam-se em procissão

---

<sup>178</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 34.

<sup>179</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 245.

as relíquias, uma estátua ou uma efígie deles pelas ruas da cidade. As procissões são manifestações de fé do povo, tendo conotações culturais capazes de despertar o sentimento religioso dos fiéis. Para que a procissão conserve o seu carácter de manifestação de fé, é preciso que os fiéis sejam instruídos e preparados acerca da sua natureza, nos seus aspetos teológico, litúrgico e antropológico<sup>180</sup>.

As procissões, do ponto de vista *teológico*, são um sinal da condição da Igreja, povo de Deus a caminho com Cristo, em direção à Jerusalém celeste. Torna-se sinal do testemunho de fé que a comunidade cristã deve prestar ao seu Senhor nas estruturas da sociedade civil<sup>181</sup>.

As procissões, do ponto de vista *litúrgico*, devem orientar-se, mesmo as de carácter mais popular, para a celebração da Liturgia, apresentando o percurso de uma igreja para outra como caminhada da comunidade viva no mundo, em direção à comunidade que está nos céus<sup>182</sup>.

Nas procissões, do ponto de vista *antropológico*, deve-se evidenciar o significado da procissão como «caminhada realizada em conjunto». Envolvidos pelo mesmo ambiente de oração, unidos no canto, a caminho da única meta, os fiéis descobrem-se solidários uns com os outros, com a determinação de concretizar, na caminhada da vida os compromissos cristãos amadurecidos no percurso processional<sup>183</sup>.

As romarias e as peregrinações são as deslocações de pessoas ou grupos para celebrarem o padroeiro num acontecimento religioso. As romarias são mais festivas e as peregrinações têm um sentido penitenciário e devocional<sup>184</sup>.

Segundo Manuel Clemente, Hans- Urs von Balthasar apresenta as peregrinações:

«Como é humana, esta vitória cansativa sobre a distância espacial, esta aspiração, esta tensão para um fim a atingir, que não se alimenta apenas por uma alegria terrestre. Os

---

<sup>180</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 246-247.

<sup>181</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 247.

<sup>182</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 247.

<sup>183</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 247.

<sup>184</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 35.



santuários católicos têm a graça de deixar partir cada um com a certeza de que esta mesma graça não está ligada a um lugar. Anulam-se depois de se imporem»<sup>185</sup>.

A Igreja, pela consonância existente entre a doutrina de Cristo e os valores espirituais da peregrinação, não só considerou legítima esta forma de piedade, mas também a encorajou ao longo dos séculos<sup>186</sup>.

Na Idade Média, a época áurea das peregrinações, para além da sua função religiosa, desenvolveu-se uma ação extraordinária em relação à edificação da cristandade ocidental, ao intercâmbio de valores das diferentes civilizações europeias<sup>187</sup>.

Os centros de peregrinação são imensos: Jerusalém continua a ser lugar de atração espiritual, onde os fiéis visitam o Santo sepulcro de Cristo. Os «romeiros» dirigem-se a Roma para venerar as memórias dos apóstolos Pedro e Paulo, visitar as catacumbas, basílicas, o Sumo Pontífice. Em Santiago de Compostela, onde convergem de diversos países, vários caminhos em direção a esta cidade e outros santuários marianos espalhados pelo mundo<sup>188</sup>.

Na época moderna, com a transformação do ambiente cultural, as vicissitudes ocasionadas pelo movimento protestante e pela corrente do Iluminismo, forçaram a peregrinação a entrar num certo declínio: a «viagem ao país longínquo» torna-se «peregrinação espiritual», «caminhada interior» ou «procissão simbólica», consistindo num breve percurso, como no caso da *Via-Sacra*<sup>189</sup>.

Na segunda metade do séc. XIX, assiste-se a uma retoma da peregrinação aos santuários: Aparecida, Assis, Czestokowa, Fátima, Guadalupe, Loreto, Lourdes ...<sup>190</sup>.

As peregrinações ao longo dos séculos mantiveram os traços essenciais que determinam a sua espiritualidade. O santuário é um lugar de oração, assim a

---

<sup>185</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 36.

<sup>186</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 281.

<sup>187</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 284.

<sup>188</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 284.

<sup>189</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 285.

<sup>190</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 285.

peregrinação é uma caminhada de oração. O êxito de uma peregrinação, enquanto manifestação cultural, e os próprios frutos espirituais que dela se esperam são assegurados pela ordenada realização das celebrações<sup>191</sup>.

A religiosidade popular afeiçoa-se muito às imagens sagradas, por isso Concílio Vaticano II no documento sobre a Liturgia afirmou:

«Mantenha-se o uso de, nas igrejas, expor imagens sagradas à veneração dos fiéis; todavia exponham-se em número moderado e na ordem devida, para não causarem estranheza ao povo cristão nem favorecerem uma devoção menos correta» (SC, 125).

No âmbito da piedade popular o uso das imagens sagradas ajudam os fiéis a colocar-se diante dos mistérios da fé cristã. A veneração das imagens sagradas pertence à natureza da piedade católica. Prova são o património artístico encontrado nas igrejas e santuários<sup>192</sup>.

## **1.2. A religiosidade popular como contributo para a fé cristã**

A religiosidade popular é a sobrevivência das crenças e práticas anteriores ao Cristianismo. Desde o Séc. XIX, com o desenvolvimento dos estudos etnográficos, assistimos a diversas práticas, vivências pessoais ou coletivas, anteriores à evangelização<sup>193</sup>.

Manuel Clemente, partindo do pensamento do Sociólogo Moisés Espírito Santo deteta a nossa religiosidade popular:

«Nas aldeias e nas vilas ou cidades continuam a praticar-se ritos vindos do fundo dos tempos, inúmeras vezes condenados pelas instituições eclesiásticas ou mesmo pelos regulamentos municipais. Religião cristã, magia, feitiçaria formam um todo coerente no seio das camadas populares, recorrem aos mesmos símbolos e podem ser justificados pelo mesmo versículo do Evangelho»<sup>194</sup>.

---

<sup>191</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 286-287.

<sup>192</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 18.

<sup>193</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 53.

<sup>194</sup> CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 54.

Existem na nossa religiosidade popular quatro componentes: tudo quanto sobrevive do paganismo, o que provém das religiões não-cristãs, do judaísmo e islamismo e ainda dos cultos africanos.

A religiosidade popular foi definida como procura de relações com o divino. A busca de respostas para as necessidades mais diversas está presente na religiosidade, em todos os lugares e tempos<sup>195</sup>.

A religiosidade popular está patente nas manifestações religiosas que surgem espontaneamente nas diversas regiões, constituindo uma religiosidade básica e universal. O homem procura garantir através dos ritos que acompanham as diversas fases da vida, as celebrações comunitárias, em que se identifica com uma população e festeja à volta de um patrono, com peregrinações e promessas<sup>196</sup>.

O Cristianismo tem condições para se tornar popular, porque aponta para a bondade da criação e da verdade da encarnação, encontrando duas disposições necessárias da religiosidade: a ligação cósmica e a mediação constante do divino em objetos e experiências<sup>197</sup>.

Com os martírios e a evangelização, o mundo romano ainda estava por converter, mesmo depois do Édito de 313, promulgado por Constantino. A aristocracia resistia ao cristianismo em nome das antigas tradições romanas<sup>198</sup>.

Para Manuel Clemente, S. Gregório Magno dera aos missionários da Inglaterra instruções sobre os lugares sagrados pagãos, não queimar, mas aproveitar os templos pagãos para o culto cristão<sup>199</sup>.

Na segunda metade do século VI, São Martinho de Dume, teve um papel preponderante no embate da fé cristã com a religiosidade popular animista e politeísta da Península Ibérica<sup>200</sup>. S. Martinho opôs-se a algumas crenças: adivinhações, agouros

---

<sup>195</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 60.

<sup>196</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 63-64.

<sup>197</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 64.

<sup>198</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 65.

<sup>199</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 71-72.

<sup>200</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p.72.

de animais, culto dos astros, culto do fogo, culto dos mortos, culto da natureza, prática de feitiçaria, invocação aos ídolos, magia, etc<sup>201</sup>.

Depois do desafio do paganismo do Império Romano na Idade Moderna, os missionários encontrariam uma civilização requintada e antiquíssima, com conceitos, crenças e cultos profundamente enraizados e populares<sup>202</sup>.

Os missionários jesuítas na sua missão na China adotaram alguns costumes locais e toleraram, a veneração do Confúcio e dos antepassados. Os missionários mendicantes espanhóis opuseram-se às tradições locais da China, interpelando para a Santa Sé, apontando as conceções dos jesuítas às tradições dos Chineses<sup>203</sup>.

Em 1704, um decreto aprovado por Clemente XI, queria afastar do Cristianismo chinês todo o resquício de superstição ou paganismo, rejeitando o uso dos nomes divinos chineses, por causa da sua ambiguidade e da veneração a Confúcio e a veneração aos antepassados. Com este embate com a religiosidade popular chinesa, o cristianismo era olhado como algo de estranho e desnacionalizante, desacreditando os métodos dos jesuítas<sup>204</sup>.

No século XVIII, a Europa vivia uma das fases de «purificação» intelectual e espiritual. Com as correntes do Iluminismo e do Jansenismo, procuravam uma conceção abstrata de Deus<sup>205</sup>. A religiosidade popular não foi aceite nos meios ilustrados.

---

<sup>201</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 72-73.

<sup>202</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 75-76.

<sup>203</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 76.

<sup>204</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 76-77.

<sup>205</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 77-78.

### 1.3. Elementos históricos da Religiosidade Popular

Desde os inícios do Cristianismo, surgiu a adaptação dos usos e ritos de grupos formados, contando com a nova religião com mediações de significado diferentes, mas que se enraízam em práticas populares<sup>206</sup>.

As pessoas convertidas entram num processo de transformação no qual as representações religiosas que as estruturam adquirem novos significados e as práticas incongruentes com as convicções a que se adere, vão sendo purificadas ou marginalizadas, num movimento de substituição e de aprofundamento<sup>207</sup>.

O povo fiel aos ensinamentos da Igreja, é prova de que fora do controlo da hierarquia se desenrolam outros ritos, que marcam a vida das pessoas e que constituem algumas práticas híbridas que muito corroboram o itinerário religioso do povo<sup>208</sup>.

Segundo o Papa Paulo VI na Encíclica *Evangelii Nuntiandi* fala-nos da religiosidade popular:

«Queremos referir-nos aquela realidade que com frequência vai sendo designada nos nossos dias com os termos religiosidade popular. É um facto que, tanto nas regiões onde a Igreja se acha implantada de há séculos quanto nos lugares onde ela se encontra em vias de implantação, subsistem expressões particulares da busca de Deus e da fé. (...) A religiosidade popular pode-se dizer, tem sem dúvida as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, (...) as superstições. (...) Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim se traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: paternidade, providência ... Em virtude destes aspetos, nós chamamos-lhe de bom grado “piedade popular”, no sentido religião do povo, em vez de religiosidade» (EN, 48).

A apresentação da religiosidade popular caracteriza-se, como expressão da busca de Deus e da fé, própria de cada cultura e manifesta as particularidades dessa cultura. Na mesma comunidade podem existir várias manifestações de religiosidade. Quando se

---

<sup>206</sup> LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Vol. P-V. p. 110.

<sup>207</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 110.

<sup>208</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*, p. 111.

qualifica a religiosidade popular deve-se por de parte as expressões que abstratamente nos afastam da relação com Deus<sup>209</sup>.

Em Portugal surge a semana dos estudos sobre a religiosidade popular organizada em Fátima, que decorreu de 3 a 8 de Janeiro de 1977, orientado pelo professor Luís Maldonado. Alguns bispos em Portugal refletiram sobre a religiosidade popular: D. António Cardoso Cunha «*Reflexão pastoral sobre a religiosidade do nosso povo*»; D. António Xavier Monteiro «*Evangelização-religiosidade popular*»<sup>210</sup>.

A Igreja continua a ser sinal universal de salvação para todos os homens, logo suscita novas atitudes de conversão, inicia uma transformação radical nos homens que escutam a palavra e de vários modos se aproximam dela.

A religiosidade popular torna-se num fenómeno universal que se encontra em todos os povos, de forma que se possa dizer que toda a religião verdadeira tem uma religiosidade popular<sup>211</sup>.

Na religiosidade encontra-se o homem definido em relação à realidade que se vive no interior de um povo e num contexto histórico concreto; expressa-se o modo de ser de homem e de um povo no qual Deus vem traçando a sua história da salvação e onde o homem mantém o testemunho do transcendente<sup>212</sup>.

#### **1.4. A antropologia e a teologia na Religiosidade Popular**

O Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* depois de indicar alguns desvios e deformações, informa que «se essa religiosidade popular for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é rica de valores» (EN, 48).

---

<sup>209</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 17-19.

<sup>210</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 112.

<sup>211</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 112.

<sup>212</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 112.

O fenómeno da religiosidade popular marca uma multidão imensa que prima pela nobreza não tanto extrínseca, mas intrínseca, de coração. O sentimento, a emoção, a sensibilidade forte estão ligados à «aristocracia do coração»<sup>213</sup>.

Na religiosidade, o povo expressa o tipo de sociedade que rejeita e o que quer construir: o seu projeto político e seu estilo de vida. A religiosidade popular aparece como o único meio para uma civilização conservar, nos dias da derrota, a sua história e as suas esperanças<sup>214</sup>.

A religiosidade popular não denuncia um Deus afastado e separado, mas um Deus presente enquanto pai providente. Na dimensão comunitária para além da solidariedade, fidelidade, lealdade, hospitalidade, a religião popular manifesta um respeito e estima, tanto pelos lugares sagrados como pelas figuras mediadoras, sacerdotes, religiosos e religiosas, pessoas consagradas<sup>215</sup>.

Surgem outras virtudes cristãs, com capacidade para o sofrimento e sentido da cruz na vida quotidiana, o desapego, a dedicação, a disposição para o sacrifício e a aceitação dos outros. A devoção aos santos, muitas vezes, exagerada e excessiva, são um lugar expressivo da relação acreditada entre o sagrado e humano.

No pensamento de Manuel Clemente descobrimos que o Papa Paulo VI, juntamente com o episcopado latino- americano tinham assinalado as deficiências da religiosidade, com a lacuna da participação na vida cultural e a escassa adesão às instituições eclesiais, a receção dos sacramentos com participação no exercício da vida cristã, as deficiências na moral<sup>216</sup>.

No que se refere às procissões Manuel Clemente, apresenta da Conferência Episcopal Italiana um texto:

«As próprias procissões não são mais que extenuantes maratonas de “médios” que ofendem o sentido do belo e do sagrado. Põem em evidência que perderam o verdadeiro sentido religioso e não são certamente o sinal da Igreja em peregrinação. Os santos constituem o objeto de um culto quase pagão. Presidem aos diferentes acontecimentos da

---

<sup>213</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 113.

<sup>214</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 113.

<sup>215</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 113.

<sup>216</sup> CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 114.

vida; são um talismã que cada um leva com uma confiança supersticiosa; aliados contra as forças do mal e as injustiças sociais»<sup>217</sup>.

A religiosidade popular pode tornar-se num certo ritualismo, quando o exterior das manifestações se torna o conteúdo básico da religiosidade e o rito aparece como sua expressão central, arrastando um pouco para o perigo da superstição e da magia. A religiosidade popular pode deformar e tornar pequena a imagem de Deus ao reduzi-la a gestos determinados e a objetos mágicos. É “imaginativa” na medida em que está agarrada a realidades primordiais: água, fogo, terra e ar. A água do batismo, o fogo dos sírios, a terra das sepulturas e o ar dos espíritos<sup>218</sup>.

No mundo da religiosidade popular e do espaço da vida, compreende-se que o povo tenha uma inspiração própria e profunda, com uma riqueza própria de diversas categorias: a magia, a superstição.

Na verdade, a religiosidade popular apresenta-nos uma experiência antropológica, interior ao Cristianismo. A religiosidade popular apresenta-se com uma linguagem materna, falada na história por todos os homens, com respeito a todas as instituições religiosas. A história e a ciência das religiões podem testemunhar o carácter nativo da religiosidade do povo<sup>219</sup>.

Para Manuel Clemente, Mircea Eliade aponta as festas que se repetem em todas as religiões e se encontram com frequência no seu carácter específico e genuíno, estão presentes na religiosidade popular<sup>220</sup>.

## **1.5. A Espiritualidade da Religiosidade Popular**

Para Manuel Clemente há uma diferença entre a piedade e a espiritualidade ou de uma simples vivência espiritual:

«Acontece que os movimentos de piedade tocam muitos homens, muitas vezes de religiões diversas.(...) A espiritualidade diferencia-se da piedade (...) a primeira postula

---

<sup>217</sup> CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 114.

<sup>218</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 22

<sup>219</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, pp. 21-22.

<sup>220</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 22.



essencialmente uma exigência de perfeição, enquanto a segunda, sem excluir os perfeitos e os que se encaminham para a perfeição, não excluem quem não é perfeito ou mal conhece Deus (...) A espiritualidade começa onde acaba a moral»<sup>221</sup>.

A piedade popular penetra na existência pessoal de cada fiel. No quotidiano, os fiéis recorrem a pequenos sinais do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela, um Pai Nosso, ou seja, tudo isto são expressões de piedade inerentes ao ser humano.

Não podemos desvalorizar a espiritualidade da piedade popular, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito Santo e a iniciativa do amor gratuito de Deus. A piedade popular tem uma forte conexão com o transcendente, uma capacidade de procurar apoio em Deus.

A espiritualidade cristã, como encontro com Deus, procura no homem o que é corpóreo, sensível e simbólico.

## 2. PIEDADE POPULAR

A Piedade Popular é o nome dado às várias expressões de culto privado, pessoal ou comunitário, prestado a Deus, aos Santos e às coisas santas que, no âmbito da fé cristã, se revestem, não tanto das formas próprias da liturgia, mas das que resultam da cultura dum povo ou grupo social<sup>222</sup>. Por vezes mesmo em documentos da Santa Sé se identifica por “Religiosidade Popular”.

Segundo o Directório sobre a piedade Popular e a Liturgia apresenta a piedade popular como:

«Verdadeiro tesouro do povo de Deus», manifesta uma sede de Deus que só os simples e os pobres podem conhecer; torna capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um sentido apurado dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante; gera atitudes interiores raramente observadas noutro lugar no mesmo nível: paciência, sentido da cruz na vida diária, desapego, abertura aos outros, devoção»<sup>223</sup>.

---

<sup>221</sup> CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 46.

<sup>222</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*. Ed. Paulinas, Lisboa, 2003, 9.

<sup>223</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 9.

A piedade popular exprime-se em exercícios de piedade, que muitas vezes se inspiram na Liturgia e a ela conduzem.

Os princípios que regulam a piedade popular devem distinguir-se das celebrações litúrgicas, que são o culto oficial prestado pela Igreja com Cristo e por Cristo a Deus, o qual deve ser tido como a fonte e o cume da vida da Igreja (cf. SC, 7).

A excelência das expressões litúrgicas torna-as de certo modo necessárias, ao passo que as expressões de piedade popular, poderíamos dizer, facultativas. Isto não deve diminuir a estima pela piedade popular, tanto mais que, ao longo da história da Igreja, a ela se deve em boa parte a manutenção e o crescimento da fé do povo cristão, sobretudo em períodos de fraco impacto da liturgia na generalidade dos fiéis. Outra razão, a piedade popular resulta do facto de ela ser especialmente vocacionada para a inculturação da fé, permitindo ao povo exprimir a fé de forma mais espontânea.

Ao longo dos séculos certas expressões da piedade popular passaram à liturgia. Porém, a piedade popular pode correr o risco de se desviar para formas espúrias ou supersticiosas, pelo que deve estar sempre sob a lúcida vigilância da hierarquia.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica a religiosidade popular:

«O sentimento religioso do povo cristão desde sempre encontrou a sua expressão em variadas formas de piedade, que rodeiam a vida sacramental da Igreja, tais como a veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc »(CIC, 1674).

As devoções populares podem ser o lugar de memória de muitas gerações, guardando em ritos e em esquemas simples, jaculatórias e sinais, o conteúdo mais profundo daquilo que se transmite e que se acredita, materializando o credo<sup>224</sup>.

O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta a Piedade Popular como «a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (EG, 123).

Segundo o Magistério da Igreja, a piedade popular é «uma realidade viva na Igreja e da Igreja: a sua fonte está na presença constante e ativa do Espírito de Deus no

---

<sup>224</sup> Cf. LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C. Vol. P-V. p. 111.

organismo eclesial; o seu ponto de referência é o mistério de Cristo Salvador; o seu objetivo, a glória de Deus e a salvação dos homens...»<sup>225</sup>.

A piedade popular tem um sentido quase inato do sagrado e do transcendente. A piedade popular tem uma grande importância para a vida de fé do povo de Deus, para a conservação da própria fé e para assunção de novas iniciativas de evangelização<sup>226</sup>.

A piedade popular está sujeita alguns perigos que podem ameaçá-la: a presença insuficiente de elementos essenciais da fé cristã, como o significado salvífico da Ressurreição de Cristo, o sentido da pertença à Igreja, a pessoa e a ação do Espírito; a desproporção entre a estima pelo culto dos Santos e a consciência da soberania absoluta de Jesus Cristo e do seu mistério; o escasso contato direto com a Sagrada Escritura; o isolamento da vida sacramental da Igreja; a conceção utilitarista de algumas formas de piedade<sup>227</sup>.

O Papa João Paulo II na Exortação *Familiaris Consortio* apresenta-nos a família como sujeito da piedade popular:

«A família cristã recorre à oração privada que apresenta uma grande variedade de formas; esta variedade, enquanto testemunha a extraordinária riqueza segundo a qual o espírito anima a oração cristã, vem ao encontro das diversas exigências e situações de vida de quem se dirige ao Senhor. Além das orações da manhã e da noite, devem aconselhar-se expressamente a leitura e a meditação da Palavra de Deus, a preparação para os sacramentos, a devoção e a consagração ao Coração de Jesus, as várias formas de culto à Santíssima Virgem, a bênção da mesa e a observância da piedade popular» (FC, 61).

A piedade popular está marcada por um sentimento histórico e cultural, onde se encontra enraizada nas Igrejas particulares, a fé no coração dos povos ao longo dos tempos.

Segundo o Conselho Pontifício da Cultura «a piedade popular continua a ser uma das principais expressões de uma verdadeira inculturação da fé, já que nela se

---

<sup>225</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 61.

<sup>226</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 64.

<sup>227</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 65.

harmonizam a fé e a liturgia, o sentimento e as artes, enquanto se afirma a consciência da própria identidade nas tradições locais»<sup>228</sup>.

### 3. CATOLICISMO POPULAR

O «catolicismo popular» é uma forma de pertença religiosa inseparável da cultura popular, que consiste em manifestar publicamente a sua vinculação à Igreja, pelo menos no momento dos grandes acontecimentos da vida pessoal ou familiar<sup>229</sup>.

O catolicismo popular tem uma dimensão comunal, quando há uma festa em grupo, que implica intercâmbio, ostentação e concorrência: as confrarias e as irmandades<sup>230</sup>.

#### 3.1. O contexto do Catolicismo em Portugal

Portugal foi marcado, até ao século XV, por uma certa pluralidade religiosa e a cristianização sistemática começou apenas a partir do fim da Idade Média ou da Contra-Reforma<sup>231</sup>.

A Igreja Católica portuguesa controlou a prática religiosa especialmente a partir do Concílio de Trento (1545-1563) e durante o Antigo Regime, sendo detentora de um vasto poder económico, de uma autoridade ideológica e de «um papel importante na moldagem das mentalidades e na orientação dos comportamentos e atitudes»<sup>232</sup>.

O catolicismo português no início do século XX foi totalmente incapaz de estabelecer os fundamentos da sociedade ou de intervir na vida social. O catolicismo

---

<sup>228</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA - *Per una pastorale della Cultura*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 1999, 28.

<sup>229</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 109.

<sup>230</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel - *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*, p. 24.

<sup>231</sup> Cf. ALMEIDA, C. A. F. - *Paganismo: sua sobrevivência no Ocidente peninsular*. In S. A., in *Memórias António Jorge Dias*, vol. 2, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974, p. 19.

<sup>232</sup> NETO, V. - *O Estado e a Igreja*. In J. Mattoso, *História de Portugal*, vol.5, Rio de Mouro, Ed. Círculo de Leitores, 1993, p. 265.

tinha de reconquistar a sociedade através de um desempenho mais ativo, ou seja, por via da fundação de uma sistemática *ação católica* que pudesse interferir na vida nacional.

As fortes predileções por Nossa Senhora de Fátima desenvolveram uma matriz identitária e uma dinâmica própria, transformando o catolicismo popular português numa espécie de religiosidade nacional, que não pode ser comparada com outras formas de catolicismo.

Em 1926 realizou-se o Concílio Plenário Português, que foi marcado pelo programa principal da “reconquista cristã” ou “restauração católica” da sociedade e mostrou os seus primeiros resultados a partir de 1930.

Nos finais de 1950, surgem alguns sinais que apontavam para uma certa “descristianização” da população portuguesa e para a transformação exterior e interior do catolicismo português<sup>233</sup>.

Enquanto a hierarquia eclesiástica continuou relativamente fiel ao regime de Salazar, nasceu uma contestação entre alguns católicos que foi designada inicialmente pelo cardeal Cerejeira por *Erro progressista* com “inspiração marxista”<sup>234</sup>.

Esta tendência foi acelerada nos anos 60 pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que tentou adaptar o catolicismo «às condições do nosso tempo». Contudo, este *aggiornamento* da Igreja Católica provocou em Portugal um resultado ambíguo.

O catolicismo em Portugal sofreu a partir de 1974 uma transformação profunda. Para além de crescente pluralidade interior, houve uma transformação quase imediata de uma igreja que apoiou os poderes de um Estado totalitário para uma igreja que critica os poderes de um estado democrático.

O catolicismo português afirma-se através da manutenção das crenças e costumes tradicionais ou da estabilização da identidade nacional; uma dessas referências é Fátima,

---

<sup>233</sup> Cf. FERREIRA, Nuno Estêvão - *A Sociologia em Portugal: da Igreja à Universidade*. Ed. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2006, pp. 81-132.

<sup>234</sup> Cf. BARRETO, J - *Religião e Sociedade*, Ed. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002, p. 122.

que não obstante ter sido declarada “Altar do Mundo”, é apresentada como garante do catolicismo popular português<sup>235</sup>.

É considerada a religiosidade popular como um “inventário das diferenças”, que se encontra numa interdependência complementar ou oposição conflituosa como “monopólio do poder espiritual” da religião católica<sup>236</sup>.

Existem elementos que estão geralmente ligados a crenças ou cultos locais e que são tolerados ou ignorados por parte da hierarquia eclesiástica, mantendo assim uma certa dependência. Com os estudos das ciências sociais, em Portugal, existem algumas formas de religiosidade popular que se relacionam com o anticlericalismo popular, com os santos, com as festas populares e com os cultos a Nossa Senhora<sup>237</sup>.

Outro elemento no âmbito da religiosidade popular é a veneração aos santos, que são na maioria rurais e que correspondem geralmente à necessidade humana de ter um modelo e uma afirmação da própria fé; a maioria dos santos está ligada a uma localidade, estabelecendo assim um forte laço social<sup>238</sup>.

Em Portugal existe uma forte inclinação para o culto de Nossa Senhora, entre os quais predomina a devoção a Nossa Senhora da Conceição e sobretudo a Nossa Senhora de Fátima.

A religiosidade popular em Portugal, ao lado da enorme concorrência por parte da secularização e do catolicismo é uma realidade social sem a qual a paisagem religiosa do país não pode ser descrita integralmente.

---

<sup>235</sup> AZEVEDO, C. M. - *Catolicismo português e Fátima*, In *Paróquias de Portugal*, 2003, disponível em <http://www.paroquias.org/noticias.php?n-3417>.

<sup>236</sup> Cf. ESTEVES, A. J. - *A religião popular em Portugal*. In *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 1986, pp. 65-66.

<sup>237</sup> Cf. ESTEVES, A. J. - *A religião popular em Portugal*. In *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 1986, pp. 68-72.

<sup>238</sup> Cf. ESTEVES, A. J. - *A religião popular em Portugal*. In *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 1986, p. 70.

### 3.2. Devoções e formas de piedade da época

A piedade popular e a religiosidade popular não são devoções, mas profunda manifestação do Povo de Deus. Nelas expressam-se o sagrado e “exprimem um instinto evangélico e uma sabedoria humana, que enriquecem a vida cristã” (CIC, 1679).

No século XIX as devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado de Maria, a par do culto eucarístico, estavam presentes em Portugal. A devoção eucarística ocupa um lugar central no catolicismo desde a Idade Média, as outras devoções mais recentes, articulam-se com as mudanças na Europa<sup>239</sup>.

A devoção ao Coração Imaculado de Maria, como forma de expressão cultural do catolicismo, são marca no interior da mentalidade e do universo religioso contemporâneo. Estas devoções devem articular-se com uma teologia e espiritualidade reparadoras, em que o devoto reza e age em reparação pelos pecados do mundo<sup>240</sup>.

Em Portugal, o culto do Sagrado Coração de Jesus apoiou-se nos Jesuítas, pelo Apostolado de Oração. O culto eucarístico centra-se na festa do *Corpus Christi* ou Corpo de Deus, como era conhecido na forma popular. Com a proibição de atos públicos do culto depois de 1910, a procissão acabaria por cair em desuso nos centros urbanos, vindo somente a ser recuperada a partir de 1926, pelo Concílio Plenário Português<sup>241</sup>.

Nas primeiras décadas do século XX, surgem outras manifestações da devoção portuguesa com forte enraizamento popular, como o culto antoniano, expressão de um franciscanismo popular que se fora acentuando a partir de 1895<sup>242</sup>.

O estudo de Manuel Clemente apresenta as principais manifestações dessa devoção: exercícios piedosos, tais como novenas, trezenas; a medalha com a imagem do santo e o pão dos pobres, instituição assistencial criada pela devoção antoniana<sup>243</sup>.

---

<sup>239</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C. Vol. III. p. 159.

<sup>240</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 159.

<sup>241</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 159.

<sup>242</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 160.

<sup>243</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 161.

No século XX ressalta como devoção dos portugueses a figura de Nuno Álvares Pereira, o «Santo Contestável». Este veio a festejar-se e a celebrar-se religiosamente, sob a invocação de Beato Nuno de Santa Maria<sup>244</sup>.

Segundo Manuel Clemente, o culto ao S. Nuno de Santa Maria nunca ganhou tanta importância como o culto mariano a Nossa Senhora de Fátima<sup>245</sup>. No tempo de Pio XII, Fátima ganhara uma importância crescente, tornando-se num centro de peregrinação e uma referência para o catolicismo<sup>246</sup>.

### **3.3. A Veneração da Cruz**

A Veneração da Cruz iniciou-se no Tríduo Pascal, na Sexta-Feira Santa, com a celebração da Paixão do Senhor. A piedade popular antecipou a veneração cultural da Cruz. No tempo da quaresma, na sexta-feira, numa tradição antiga, é o dia comemorativo da Paixão de Cristo, os fiéis orientam espontaneamente a sua piedade para o mistério da Cruz.

As expressões da devoção a Cristo crucificado, numerosas e variadas, alcançam uma grande importância nas igrejas dedicadas ao mistério da Cruz ou às mais relíquias, que são autênticas imagens de Cristo. Esta expressão de devoção à Cruz surgiu no século IV, com a divulgação dos pedaços espalhados pelo mundo, fundamentando um variadíssimo culto à Cruz. Na manifestação da devoção a Cristo crucificado, os elementos de piedade popular são: os cantos, orações, gestos, o beijo, a procissão e a bênção com a cruz, dando lugar a exercícios de piedade com uma conotação muito forte<sup>247</sup>.

A piedade da Cruz necessita de ser explicada porque, para os fiéis, a referência da Cruz remete-os para a Ressurreição: a Cruz e o sepulcro vazio, a Morte e a Ressurreição de Cristo são inseparáveis na narração do Evangelho e no desígnio salvífico de Deus.

---

<sup>244</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 161.

<sup>245</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 161.

<sup>246</sup> Cf. CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*, p. 238.

<sup>247</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 128.



As diferentes identificações da piedade popular, fizeram com que os fiéis voltassem a sua atenção para aspetos singulares da Paixão de Cristo; fizeram deles uma devoção particular, tal como o «Ecce Homo» representando Cristo com uma coroa de espinhos. Noutras representações surgem: a coluna da flagelação, a escadaria do pretório, a coroa de espinhos, os cravos e a lança do trespassamento, o Santo Sudário ou lençol da deposição<sup>248</sup>.

A cruz aparece como lugar supremo da revelação de Deus em Jesus. A cruz é a revelação de um Deus crucificado, permanentemente escândalo para os judeus e loucura para os pagãos (cf. 1 Cor 1,23ss).

Outro exercício de piedade com que os fiéis veneram a Paixão do Senhor é a *Via-Sacra*. Neste exercício de piedade, os fiéis percorrem com afeto o último trajeto da caminhada percorrida por Jesus durante a sua vida terrena - Monte das Oliveiras até ao Monte do Calvário<sup>249</sup>.

O verdadeiro testemunho do amor do povo são as inúmeras vias-sacras espalhadas nos santuários, igrejas, nos claustros dos mosteiros, no campo, nos montes, no caminho de peregrinos, com as diversas estações.

A *Via-Sacra* é o culminar de várias devoções surgidas na Idade Média: a peregrinação à Terra Santa, na qual os fiéis visitam os lugares da Paixão de Cristo; a devoção às quedas de Cristo sob o peso da Cruz em direção ao Calvário; a devoção aos passos dolorosos de Cristo, que consiste numa procissão de uma Igreja para outra, para fazer memória dos percursos feitos por Jesus na sua Paixão<sup>250</sup>.

A *Via-Sacra* é um caminho traçado pelo Espírito Santo, fogo divino que ardia no peito de Cristo que o compele para o Calvário. É um caminho amado pela Igreja que conservou na memória as últimas palavras e acontecimentos de Cristo. No exercício da piedade da *Via-Sacra* surgem diversas expressões características da espiritualidade cristã: a conceção da vida como caminhada ou peregrinação, como passagem através do

---

<sup>248</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 129.

<sup>249</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 131.

<sup>250</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 132.

mistério da Cruz, do exílio terreno à pátria celeste, conformando-se com a Paixão de Cristo e as exigências da *sequela Christi*, onde o discípulo segue o Mestre, pela Cruz<sup>251</sup>.

A *Via-Sacra* deve realizar-se na forma tradicional, com as catorze estações, uma forma típica de exercício de piedade. A *Via-Sacra* deve terminar de tal modo que os fieis se abram à expectativa, plena de fé e de esperança, na ressurreição<sup>252</sup>.

---

<sup>251</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 133.

<sup>252</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*, 134.

## **CAPÍTULO III**

### **LINHAS DA ESPIRITUALIDADE NA AÇÃO MINISTERIAL NO CONTEXTO DA “PROCISSÃO DOS PASSOS- UMA VIVÊNCIA NO BAIRRO ALTO”**

No capítulo III apresentamos as linhas da espiritualidade na ação ministerial no contexto da obra *“A Procissão dos Passos- Uma vivência no Bairro Alto”*. As diretrizes do ministério sacerdotal do Pe Abel Varzim estão muito marcadas por esta obra. Esta obra, escrita num tempo e num espaço cultural, continua viva em alguns acontecimentos da sociedade, como a prostituição, tráfico de seres humanos, exploração sexual e a marginalização da mulher.

No primeiro ponto apresento, em traços gerais, a obra do Padre Abel Varzim.

No segundo ponto surge a pastoral (ministerial) do sacerdócio do Pe Abel Varzim. Neste ponto apresentamos a opção pelos pobres, partindo da ação pastoral do Padre Abel em grande parte dedicada ao proletariado português. Depois Abel contactou de perto com a pastoral da mulher marginalizada, na paróquia da Encarnação, confrontando com alguns aspetos da atualidade.

#### **1. A OBRA “ PROCISSÃO DOS PASSOS – UMA VIVÊNCIA NO BAIRRO ALTO”**

Ao longo de setenta e seis páginas, dividido em onze capítulos, podemos “saborear” um escrito autobiográfico de carácter mediativo e refletivo em que o Pe Abel Varzim, descreve o modo como, desde “ 1951 e enquanto pároco da Igreja da Encarnação, em Lisboa, passou a contactar e se envolveu pastoralmente com uma nova realidade social, a prostituição feminina na zona do Bairro Alto”<sup>253</sup>.

---

<sup>253</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p.7.

O Pe Abel Varzim apresenta uma reflexão sobre a prostituição, onde surge uma nova conceção teológica da encarnação. Manifesta-se ao longo da obra, de um modo muito claro, o processo evolutivo da sua forma de ver, pensar e lidar com esta realidade que desconhecia. Retrata como, aos quarenta e oito anos, sendo pároco pela primeira vez, se encontra numa situação nova e desafiante onde originalmente idealiza e enceta um combate contra a existência da «ação corruptora dos lupanares» para terminar com a reinserção social das raparigas que «abandonadas», ele aprende a conhecer e a acolher na sua igreja.

O Pe Abel Varzim traduz na sua obra o seu percurso humano e espiritual. Um percurso interior no modo de aprender a lidar com uma realidade marginal mas também marginalizável, no quadro social, cultural e religioso da época. Encontramo-nos diante de uma narrativa de grande densidade, escrita na primeira pessoa, mas marcada pela preocupação constante de confronto com os Evangelhos. Fidelidade à mensagem e à pessoa de Jesus, mas fidelidade também à realidade que se lhe impôs e que não pode ignorar, surgem assim como duas referências que balizam permanentemente a reflexão e atitudes de Abel Varzim, permitindo-lhe ultrapassar as limitações da «moral que aprendera»<sup>254</sup>.

O texto inicia-se com um “ponto de situação” prévia à sua entrada na paróquia. É este alheamento à reflexão profunda desta realidade por parte da sociedade e de todos os cristãos que Abel Varzim descreve como “um calvário que sendo também o do seu Senhor, deveria ser o de todos os cristãos: Cristo continua habitando entre nós, mas não O reconhecemos. Contentamo-nos, por isso, com a nossa presença na procissão das imagens, que é a representação e espetáculo, mas não é Paixão”<sup>255</sup>.

Apresenta assim o “Amor prático (ação) que deu às mulheres prostituídas do seu tempo, valorizando-as como seres humanos, aceitando-as, sem juízo de valor, concretizando o Amor prático que defende ao longo da sua obra”<sup>256</sup>. Assiste-se posteriormente, assim como que “à transição de uma visão da prostituição como realidade social catalogável, exterior, para uma outra visão habitada pela presença de

---

<sup>254</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, pp. 9-10.

<sup>255</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 21.

<sup>256</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 10.

peças a quem «ouvia a voz da alma». (...) Em contexto específico e com categorias próprias, o autor narra (...) a reinvenção da religião”<sup>257</sup>.

O Pe Abel Varzim narra, que através da história de uma imagem de Santa Maria Goretti, o efeito de “invasão” que o fez refletir sobre a sua experiência e percurso, como que a convidar o leitor a envolver-se nesta aventura e a comprometer-se no projeto social proposto. No centro do processo da sua própria conversão está “um outro”; a vida e a morte de uma prostituta que se tornou para si «um rasgar de horizontes». Fica claro o percurso pedagógico de conversão deste pároco, expondo-nos o seu pensar sobre o sentido “do outro”, o bem comum e a natureza da caridade, culminando na denúncia da situação e sentimento de «abandono», quer na infância, quer na juventude, que muitas mulheres (mesmo as educadas em Asilos e Orfanatos ou Casas dirigidas por educadoras religiosas, refere...) foram votadas, e que ele considera ser a raiz do caminho que leva à prostituição<sup>258</sup>.

Começa então por “levar a dignidade às mulheres, primeiro na hora da morte e, depois, dando luz às suas próprias vidas”<sup>259</sup>.

A descoberta gradual do Pe Abel Varzim é tradução da carta pastoral para a diocese de Paris, do Cardeal Emmanuel Célestin Suhard, na Páscoa de 1949:

«Ser padre no século XX não consiste em copiar servilmente formas outrora valiosas nem inovar por princípio, mas em traduzir a mensagem em termos contemporâneos. Quer dizer: o padre deve adaptar-se. (...) a dupla função que incumbe ao apóstolo em geral e ao padre em particular: uma renúncia e uma aquisição. Renúncia às suas particularidades próprias; educação, gostos, cultura e até a língua materna. Mas também um pedido de empréstimo aos que quer evangelizar. Dá-lhes o essencial: O Evangelho e a vida divina; toma deles o que eles lhes dão: maneiras de compreender, de sentir, desconhecidas até então. A oposição que encontra como testemunha de Deus, não deve servir de fundamento para nenhuma intransigência clerical, para nenhum azedume vingativo, para nenhum sectarismo obtuso, tão imponentes e tão ridículos. Longe de sustentar a rutura, tudo deve fazer o padre para que nele se ame a verdadeira face de Cristo e para derrubar o muro de separação (Ef 2,14)»<sup>260</sup>.

---

<sup>257</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 10.

<sup>258</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 10.

<sup>259</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 14.

<sup>260</sup> MAGALHÃES, Arlindo – *Textos de Apoio de Teologia Pastoral*. Ed. UCP, Porto, 2010, pp. 30-31.

## **2. A PASTORAL MINISTERIAL DO SACERDÓCIO DO PE ABEL VARZIM**

A ação pastoral do Pe Abel Varzim foi dedicada em grande parte ao apostolado do proletariado português. Ele consagra à classe operária todo o seu sacerdócio, animado pela esperança de que a classe operária, na sua totalidade, entrasse na Igreja, cantando a sua libertação, e a desfilar pelas ruas anunciando a Boa Nova da redenção, com Cristo operário<sup>261</sup>.

Quanto aos mais desfavorecidos pelo Estado Novo, pela política de Oliveira Salazar, o Pe Abel Varzim saiu em sua defesa, apontando que «o trabalho da Igreja foi lento, mas profundo e extenso... a igreja tem pelo seu passado, pelo seu presente, pela sua experiência, pela sua força, pela sua unidade e pela sua doutrina, direito à missão social que desempenha e reclama»<sup>262</sup>.

Todo o seu entusiasmo, consagração e paixão pelo proletariado, pelos pobres, pelas mulheres, pelos mais desfavorecidos, interveio e deu a conhecer, a partir do *Jornal O Trabalhador*: «as casas económicas e a proteção aos operários na doença, na invalidez e no desemprego involuntário»<sup>263</sup>.

### **2.1. Opção pelos pobres**

O Pe Abel Varzim partindo dos ensinamentos de Cristo, chega aos mais pobres, às prostitutas, aos indefesos. Ele já era conhecido como defensor dos pobres e dos oprimidos, como organizador dos operários católicos.

Subiu os degraus da “Procissão dos Passos”, porque assumiu o calvário da fome e da miséria das mulheres prostituídas em Portugal, transforma-se no percussor de O Ninho, como num utópico defensor do fim da prostituição como escravatura moderna<sup>264</sup>.

---

<sup>261</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 49-50.

<sup>262</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 57.

<sup>263</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 57-58.

<sup>264</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 13.

Para o Padre Abel Varzim, abre-se-lhe as portas dos lupanares, permitindo-lhe descobrir a violência exercida sobre seres humanos “institucionalizada pelo Estado, com acordo tácito da Igreja Católica”. Nele cresce o amor por estas mulheres prostituídas e descobre o papel desempenhado pela igreja sobre este flagelo<sup>265</sup>.

A realidade que o Pe Abel Varzim viveu nas mortes das jovens prostituídas com tuberculose e fome, vive-se hoje de uma forma ampla, em que crianças e mulheres jovens são raptadas, vendidas e recrutadas em vários países da Europa, África, Ásia, América Latina, e são traficadas como escravas.

Como pároco da Encarnação, o Pe Abel Varzim confronta-se com uma “chaga profunda e extensa que se entranhava no Bairro Alto como se fosse a medula dos seus ossos e até no ar que se respirava, onde se vivia como animais selvagens na mais profunda promiscuidade”<sup>266</sup>.

A primeira tentativa do Pe Abel Varzim, era limpar a paróquia de todas as imoralidades, mas elas começaram a “invadir-lhe a igreja”. Ao acolhê-las e contatar com elas vai ganhando consciência para a violência, para a desumanidade do mundo e para a realidade da vida destas mulheres tornadas escravas ou mercadoria<sup>267</sup>.

Para o Pe Abel Varzim a prostituição “a sociedade tolera-a, aceita-a mesmo, regulamenta-a, cobra-lhe impostos. E até a facilita e justifica, como preço da honestidade alheia”<sup>268</sup>.

O olhar angustiado desmascara a ignorância das teorias, que se preocupavam com o alastrar das doenças, fingem ignorar que a prostituição nos dias de hoje é alimentada por uma miséria global: “Ninguém de bom senso deixará de admitir que se Cristo falasse hoje, diria mais claramente que dar de comer a quem tem fome significa suprimir a fome no mundo”<sup>269</sup>.

---

<sup>265</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 13.

<sup>266</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 14.

<sup>267</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 15.

<sup>268</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 30.

<sup>269</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*, p. 25.

No ensinamento e na prática, Jesus apresenta-nos a opção pelos pobres e oprimidos como uma consequência natural na instauração do seu Reino. Eles são os seus destinatários e libertá-los do mal é a sua principal finalidade<sup>270</sup>.

A simples aceitação da pobreza por Jesus é um acontecimento: “Sempre tereis pobres entre vós e podereis fazer-lhes bem quando quiserdes” (Mc 14, 7ss). Jesus fala do Reino através de parábolas, apresenta-nos a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), onde nos aponta quem é o próximo, o despojado, o maltratado, aquele a quem devemos prestar assistência.

Cristo encontra-se no pobre, e vê-se nele a plenitude do amor. Estamos perante uma perspectiva que surge em toda a sua dimensão profética: denunciando com clareza a injustiça e proclamando a necessidade de um caminho radical e estrutural para que surja em toda a sua dimensão um Reino de justiça e de paz<sup>271</sup>.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja (DSI), no sexto capítulo afirma: «Na leitura sapiencial, a pobreza é descrita como uma consequência negativa do ócio e da falta de laboriosidade, mas também como facto natural»<sup>272</sup>.

No pensamento de Ana Cuadrado, a igreja de Jesus é enviada a levar a Boa Nova aos pobres. Esta deve viver, anunciar e transmitir a mensagem, partilhar os seus problemas e sofrimentos, encarnando na linguagem evangélica e promovendo uma vida mais digna, mais humana, como sinal de salvação, dado por Jesus Cristo. Estamos perante uma igreja pobre e para os pobres. Os discípulos de Jesus, quando contactam com os pobres, devem fortalecer e intensificar os encontros e deixar que seja o Espírito de Jesus que lhes mostre a realidade do outro<sup>273</sup>.

---

<sup>270</sup> Cf. CAMARERO, Daniel – *Opción por los pobres*. In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001, p. 804.

<sup>271</sup> Cf. CAMARERO, Daniel – *Opción por los pobres*. p. 810.

<sup>272</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ» – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005, 323.

<sup>273</sup> Cf. CUADRADO, Ana P. Almarza – *Mujer y Pastoral*. In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001, p. 743.



## 2.2. A pastoral da mulher marginalizada

O Pe Abel Varzim contacta de perto com a pastoral da mulher marginalizada quando chega à paróquia da Encarnação, onde descobriu que na área da paróquia, se açoitavam dezenas e dezenas de lupanares. Abel Varzim preferia os necessitados, tinha acertado na escolha da paróquia e meteu mãos à obra: cuidar da Igreja, animar a vida religiosa da paróquia e criar meios de combate aos problemas sociais<sup>274</sup>.

Na “Procissão dos Passos” que nos apresenta o Pe Abel Varzim, aponta-nos uma primeira impressão da mulher marginalizada: “rosto macerado pelo vício, naqueles traços profundos de pecado... imagem de amargura e de tristeza, olhos fixos no chão, como se rastejassem a própria alma na lama do seu corpo. Todos sabem do Evangelho, que o Senhor tinha pena delas”<sup>275</sup>.

No pensamento de Abel Varzim, estaria a passagem da mulher adúltera, em que Jesus soube perdoar e acolher a pecadora: «Quem de vós estiver sem pecado atire a primeira pedra!» (Jo 8,7).

Jesus tivera sempre pena delas, não fugia delas, mas procurava-as para lhes limpar a alma, as arrancar do mal e fazer delas santas. O mesmo acontecera com Abel Varzim, quando recebeu uma prostituta, que queria “mudar de vida”, “ser mulher como as outras”, “ganhar honestamente o seu pão”<sup>276</sup>.

À mulher arrependida e humilhada, ansiosa para se libertar das garras da escravatura, o Padre Abel Varzim prometeu ajudá-la, porque “tive a sensação bem nítida do meu dever de cristão”<sup>277</sup>.

A primeira pastoral do Pe Abel Varzim foi encontrar um trabalho digno para a mulher prostituída:

«Tinha-me dirigido a patrões católicos, por julgar que melhor compreenderiam o dever cristão de acorrer em socorro dos infelizes... Se aqueles “veneráveis” cristãos que

---

<sup>274</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*. p. 210.

<sup>275</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p. 27.

<sup>276</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p. 29.

<sup>277</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p. 29.

procurara se não compreenderam o meu apelo... a religião que ostentavam era fachada e o seu cristianismo uma mentira!»<sup>278</sup>.

A mensagem de Jesus promove a qualidade de vida das mulheres excluídas, principalmente, as que praticam a prostituição, para que possuam condições dignas, sejam capazes de entrar na sociedade de forma livre, participativa e crítica<sup>279</sup>.

Para Daniel Camarero, a mulher no mundo trabalho realiza-se de forma individual, porque está presente nas organizações, nas comunidades, nos movimentos, nas formações académicas e no seu desempenho pelos compromissos assumidos<sup>280</sup>.

O padre Abel Varzim quando chegou à paróquia sentiu um “autêntico e temível *cancro* a invadir tudo e tudo corromper”, nas casas de prostituição, em casas de famílias cristãs, nas ruas, nos cabarés, nos cafés, nos restaurantes, tudo respirava a imoralidade “que mais parecia feudo do Diabo, do que paróquia da Igreja de Cristo”<sup>281</sup>.

A sua ação pastoral era fechar os lupanares e limpar a freguesia das prostitutas. Recorre à proteção de Santa Maria Goretti, implantou o culto na paróquia, como forma de expulsar as prostitutas. Sentiu um grande “fracasso”:

«Qual não foi, porém, o meu espanto ao ver que as primeiras devotas e as primeiras esmolas do seu altar vinham precisamente da prostituição! Muitas prostitutas se ajoelhavam aos pés da imagem, de lágrimas nos olhos, a rezar. Que vinham pedir à Santa se contra elas tinha sido posta ali?... Quisera-as fora da paróquia e invadiam-me a Igreja. Positivamente começaram os meus planos a falhar»<sup>282</sup>.

O Padre Abel Varzim reflete sobre o sentido do outro, o bem comum, a natureza da caridade, mas também na denúncia do que considera a raiz da prostituição: a situação e o sentido de “abandono” a que muitas mulheres terão sido votadas na sua infância ou juventude. De facto, é uma realidade vivida por muitas mulheres, um calvário que muitas continuam a seguir<sup>283</sup>.

Os projetos do Pe Abel Varzim começaram a falhar, pois nenhuma prostituta tinha pedido os últimos sacramentos, e começou a administrá-los a mulheres tuberculosas e

---

<sup>278</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. pp. 30-31.

<sup>279</sup> Cf. CUADRADO, Ana P. Almarza – *Mujer y Pastoral*. p. 746.

<sup>280</sup> CAMARERO, Daniel – *Mujer y Pastoral en A.L.* In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001, pp. 756.

<sup>281</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. pp. 35-36.

<sup>282</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p. 39.

<sup>283</sup> Cf. VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. p. 12.

moribundas. Este pároco sempre soube ultrapassar as dúvidas que o atormentavam e todas morreram com os últimos sacramentos<sup>284</sup>.

A pastoral exercida pelo Pe Abel Varzim confronta-se com a gratuidade, a bondade e a gratidão com o que fazia a estas mulheres: “Vimos agradecer-lhe o que o senhor fez por nós”. Apercebeu-se deste embate quando entendeu o “nós” que representava as prostitutas que ajudara<sup>285</sup>.

A ação do Padre Abel Varzim passou pela necessidade de lhes oferecer meios e condições. Para “elas” poderem apagar o seu passado, criou a *Obra das Raparigas da Prostituição*. Como ele afirmara na sua obra:

“Senti a sensação de que, se não houvesse raparigas abandonadas, também não haveria raparigas prostituídas. E Cristo seria então aliviado na sua dolorosíssima Paixão, sobretudo na sua dor inexprimível de abandono, de que nos deixou no Evangelho pincelada tão amarga! ... Dali por diante, centenas delas encontraram o caminho. E puderam descobrir então, que afinal, eram mulheres como as outras”<sup>286</sup>.

Toda a ação na recuperação das raparigas tendia para estas soluções: casamento, obtenção de um emprego e a reintegração na própria família. O Pe Abel Varzim sempre dedicou o seu cuidado aos necessitados, aos pobres e às prostitutas. Para ele o maior flagelo foi «a *Obra das Raparigas*, “essa é que me fez beber o cálice da amargura”»<sup>287</sup>.

---

<sup>284</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, pp. 214-215.

<sup>285</sup> Cf. RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim.- Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 215.

<sup>286</sup> VARZIM, Abel - *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. pp. 96-97.

<sup>287</sup> RODRIGUES, Domingos - *Abel Varzim.- Apóstolo Português da Justiça Social*, p. 220.

## CONCLUSÃO

A finalidade deste trabalho é dar a conhecer o Pe Abel Varzim àqueles que não têm noção sobre o seu trabalho ao longo do século XX, dentro e fora de Portugal.

O meu estudo baseou-se em alguns autores que conviveram de perto com o Pe Abel Varzim: António Cerejo, Domingos Rodrigues, Manuel Braga da Cruz, António Alpiarça, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, entre outros pensadores.

Partindo ao encontro da pessoa foi necessário debruçar-me sobre a sua obra “*Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*” e descobrir como foi profundo e exaustivo o seu apostolado junto das pessoas, das instituições e até do próprio regime implantado em Portugal.

O Pe Abel Varzim, seguindo o exemplo de Jesus, prontificava-se a ajudar, a procurar soluções para os problemas que iam surgindo.

Não concordando com algumas medidas impostas, lutava e procurava o caminho da verdade e da retidão, como apresentaram as Encíclicas Sociais de Leão XIII e João XXIII.

No tempo de Abel Varzim vivia-se um tempo de censura extrema, mas ele não se “acobardava” e foi capaz, com o Jornal “*O Trabalhador*” dar viva voz à verdade, à defesa dos operários, das famílias, dos desfavorecidos pela sociedade, das mulheres, etc.

Para muitos, o Pe Abel Varzim, foi o “Pai” da Ação Católica em Portugal. Partindo das suas orientações retidas em Lovaina formulou as bases da Ação Católica, trabalhou dentro deste Organismo, vindo a ser mais tarde destituído do cargo de Assistente da LOC.

As suas andanças por vários pontos - Cristelo, Braga, Serpa, Lovaina, Lisboa, apresentam as características do trabalho realizado pelo Pe Abel Varzim, desde o ensino à investigação, desde a pregação ao discurso, desde a ação social à procura das “ovelhas perdidas” do seu redil.

O seu maior meio de evangelização, de anúncio da Boa-Nova, de manifestação e despertar de curiosidades era o Jornal “*O Trabalhador*”. Nele o Pe Abel Varzim tentava defender e provocar alguns intervenientes que se opunham ao caminho da

verdade, da solidariedade, que viviam alheados nos seus ideais e forçavam outros a segui-los.

Nas variadas pesquisas que fiz de algumas obras relacionadas com o Pe Abel Varzim, apercebi-me que todos acrescentavam coisas idênticas relacionadas com o seu apostolado, na sua defesa pelos necessitados, pelas “toleradas” da sociedade e aprofundamento do enraizamento cristão no diálogo entre a Igreja e o Estado.

Ao longo do meu trabalho apresento alguns trechos da obra “*Procissão dos Passos- Uma vivência no Bairro Alto*”, para completar e enriquecer a minha investigação sobre a pessoa de Abel Varzim. Neste escrito de cunho pessoal me apercebo da figura e o vulto que o Pe Abel Varzim representa no século XX em Portugal.

Num segundo ponto de investigação concluí que Portugal é um país marcado por várias devoções populares, pela piedade popular, pela religiosidade popular e que o catolicismo teve uma forte influência no ambiente religioso. A piedade mariana, o culto dos santos, as peregrinações, são as devoções populares com maior sinal e presença no povo português.

Na atualidade, pelas aldeias, vilas e cidades continuam a praticar-se ritos de religião cristã, de magia, de feitiçaria, onde colocam um cunho de religiosidade popular, fazendo uma certa aproximação ao Evangelho.

Por último, o sacerdócio do Pe Abel Varzim estava relacionado com o seu trabalho, o seu Apostolado. Em alguns autores procurei aspetos pastorais do sacerdócio do Pe. Abel Varzim. No pensamento de Domingos Rodrigues, o sacerdócio de Abel Varzim estava direcionado para o proletariado, olhando para Cristo como um operário.

Abel Varzim conseguiu que a Igreja descesse do seu pedestal e fosse ao encontro dos pobres. Para ele, a primeira opção eram os pobres, os marginalizados, os perseguidos, fazia com que a Igreja estivesse no meio deles e se fizesse notar a sua presença.

O Pe Abel Varzim encarnou, na pessoa do proletariado e soube sofrer por eles, lutar por eles e desafiá-los a lutar pelos seus direitos e pela sua liberdade.

No amor prático que ele deu às mulheres prostituídas do seu tempo, valorizando-as como seres humanos, aceitando-as sem levantar nenhum juízo de valor, atrevo-me a ver nele Cristo vivo. Tentou dignificá-las arranjando-lhe trabalho, lutando por elas e até mesmo passando por cima do sistema implantado, ao criar uma casa de acolhimento.

O Pe Abel Varzim fez-se Cristo presente no meio delas, mesmo na hora da morte, ao receberem as “últimas encomendações”, ao receber o sacramento da Santa Unção ou o Viático.

# BIBLIOGRAFIA

## 1. Fontes

CEREJO, António; CRUZ, Manuel Braga da, *Abel Varzim- Entre o ideal e o possível*. Ed. Multinova, Lisboa, 2000.

CEREJO, António, *Abel Varzim e o seu Tempo*. Ed. Multinova, Lisboa, 2005.

RODRIGUES, Domingos, *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*. Ed. Rei dos Livros. Lisboa, 1990.

VARZIM, A. *A Procissão dos Passos – Uma vivência no Bairro Alto*. Ed. Multinova, Lisboa, 2002.

## 2. Documentos da Igreja

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra: 1993.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para a Ministério e a vida dos presbíteros*. Ed. Paulus, Lisboa, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Directório sobre a piedade popular e a liturgia. Ed. Paulinas, Lisboa, 2003.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ» – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005.

IGREJA CATÓLICA – *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*. ed. Gráfica de Coimbra. 1998 .

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, Roma: 1988.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 123, Ed. Paulus, Lisboa, 2013.

### 3. Bibliografia Geral

ALMEIDA, C. A. F. *Paganismo: sua sobrevivência no Ocidente peninsular*. In S. A., in *Memoriam António Jorge Dias*, vol. 2, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974.

AZEVEDO, C. M. *Catolicismo português e Fátima*, In *Paróquias de Portugal*, 2003.

BARBOSA, David Sampaio Dias – *Santa Sé e Portugal*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Circulo de Leitores, 2001, Vol. P-V.

BARRETO, J, *Religião e Sociedade*, Ed. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002.

CAMARERO, Daniel – *Opción por los pobres*. In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001.

CAMARERO, Daniel – *Mujer y Pastoral en A.L.* In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001.

CLEMENTE, Manuel, *A fé do Povo – compreender a religiosidade popular*. Ed. Paulus, S. Paulo, 2002.

CLEMENTE, Manuel – *Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2002, Vol. III.

CRUZ, Manuel Braga da – *Igreja e Estado*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2000, Vol. C-I.

CUADRADO, Ana P. Almarza – *Mujer y Pastoral*. In. *Diccionario de Pastoral y Evangelización*. Directores: Vicente M<sup>a</sup> Pedrosa; Jesús Sastre; Raúl Berzosa, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2001.



ESTEVES, A. J. *A religião popular em Portugal*. In Cadernos de Ciências Sociais, 4, 1986.

FERREIRA, A.; FONTES, P. – *Ação Católica Portuguesa*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2000, Vol. A-C.

FERREIRA, Nuno Estêvão, *A Sociologia em Portugal: da Igreja à Universidade*. Ed. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2006.

FONTES, P. – *Catolicismo Social*. In *DICIONÁRIO História Religiosa de Portugal*. Org. Carlos Moreira Azevedo. Círculo de Leitores; Lisboa, 2000, Vol. A-C.

GONZÁLEZ, Ramiro, *Piedad Popular y liturgia*, Ed. Centre de Pastoral Litúrgica. Barcelona, 2010.

GRESHAKE, Gisbert, *Ser Sacerdote hoy: Teología, praxis pastoral e espiritualidade*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

LIMA, José da Silva – *Religiosidade Popular*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2001, Vol. P-V.

LUCENA, Manuel – *A evolução do sistema corporativo português*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1976, 2 vol. e PATRIARCA, Fátima – *A questão social no salazarismo: 1930-1947*. Lisboa: IN-CM, 1995.

NETO, V. *O Estado e a Igreja*. In J. Mattoso, *História de Portugal*, vol.5, Rio de Mouro, Ed. Círculo de Leitores, 1993.

REZOLA, Maria Inácia – *Sindicalismo*. In. *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Org. Azevedo, C.; Lisboa; Círculo de Leitores, 2001, Vol. P-V.

VASCONCELOS, Leite de, *Religiões da Lusitânia*, Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa: 1913, III.

# Índice

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS .....	2
INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO I.....	5
A VIDA E A OBRA DO PE ABEL VARZIM .....	5
1. CONTEXTO HISTÓRICO .....	5
1.1. A Ação Católica em Portugal .....	5
1.2. Estado Novo: Oliveira Salazar .....	8
2. BIO-BIBLIOGRAFIA DO PE ABEL VARZIM .....	12
3. A ÚLTIMA ETAPA DA VIDA DO PE ABEL VARZIM .....	27
3.1. Padre Abel Varzim, pároco da Encarnação .....	27
3.2. O regresso à Terra Natal.....	31
4. AS OBRAS DO PADRE ABEL VARZIM .....	32
CAPÍTULO II .....	34
A RELIGIOSIDADE POPULAR NO PERÍODO DO PE ABEL VARZIM.....	34
1. A RELIGIOSIDADE POPULAR .....	35
1.1. Manifestações da Religiosidade Popular.....	38
1.2. A religiosidade popular como contributo para a fé cristã.....	42
1.3. Elementos históricos da Religiosidade Popular .....	45
1.4. A antropologia e a teologia na Religiosidade Popular .....	46
1.5. A Espiritualidade da Religiosidade Popular.....	48
2. PIEDADE POPULAR.....	49
3. CATOLICISMO POPULAR .....	52
3.1. O contexto do Catolicismo em Portugal.....	52
3.2. Devoções e formas de piedade da época .....	55
3.3. A Veneração da Cruz .....	56
CAPÍTULO III .....	59
1. A OBRA “ PROCISSÃO DOS PASSOS – UMA VIVÊNCIA NO BAIRRO ALTO” ..	59
2. A PASTORAL MINISTERIAL DO SACERDÓCIO DO PE ABEL VARZIM .....	62
2.1. Opção pelos pobres .....	62
2.2. A pastoral da mulher marginalizada.....	65
CONCLUSÃO .....	68
BIBLIOGRAFIA.....	71